UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 00272165 2

OS

CENTENARIOS

OS CENTENARIOS

COMO

SYNTHESE AFFECTIVA

NAS SOCIEDADES MODERNAS

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO

TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Cancella Velha, 62

1884

PN
5011
R7
1884

PROLOQUIO

No nosso trabalho intitulado *Systema de Sociologia,* apresentamos a seguinte passagem:

«Não acompanhamos a concepção theologica de Comte em quanto ás suas fórmas religiosas, mas reconhecemos que nas sociedades modernas alguma cousa se passa, que tendendo a satisfazer necessidades de sentimento, vae ao mesmo tempo substituindo as religiões. A synthese activa está sendo realisada espontaneamente nas

Exposições, formadas pelos productos dos esforços pacificos; a synthese affectiva, correspondendo ás novas noções moraes da solidariedade humana, manifesta-se pelos *Centenarios* dos Grandes Homens, ou dos grandes successos; a synthese especulativa como reconhecimento geral do poder espiritual da Sciencia, effectua-se por meio dos *Congressos*, em que a patria se alarga na humanidade. »

Como desenvolvimento e comprovação d'este pensamento, reunimos as nossas considerações sobre alguns successos europeus de alta significação moral, como os Centenarios de Camões, de Calderon, de Voltaire, do Marquez de Pombal, que nos accordam a consciencia da solidariedade da Civilisação occidental, na sua crise mais activa de transformação entre o seculo XVI e o seculo XVIII.

A crise não está terminada, porque o negativismo revolucionario do seculo XVIII, ainda subsiste na pedanto-

cracia do regimen parlamentar colligada com a retrogradação clerical. Uma doutrina positiva, apta a levar a unanimidade aos espiritos, a disciplina á Educação, e a ordem voluntaria á Politica, já existe, mas a grande transformação social que ella provoca só póde propagar-se ao maior numero por via do sentimento.

Com uma alta intuição escreveu Saint Simon:

« As ideias e os sentimentos ligam-se e correspondem-se necessariamente. Todo o grande movimento nas ideias exige um similhante nos sentimentos. Sob esta relação, a philantropia é analoga e auxiliar indispensavel da philosophia. » [1]

Augusto Comte comprehendeu o caracter affectivo da transição moderna, definindo-o pelas commemorações sociaes; é notavel o trecho da Carta dirigida a Stuart Mill, em 29 de Maio de

[1] *Système industriel*, p. XIX (1820).

1842, em que o grande philosopho pressente a iniciação dos Centenarios: «antecipar sobre o futuro social, eis aqui o verdadeiro fim dos esforços philosophicos; por isso, assim o espero, se viver o bastante, começar a vêr despontar um systema regular de commemoração usual em honra dos homens e das cousas que, em dado tempo e por qualquer maneira tem secundado a grande evolução mental, como me vereis fazer a indicação formal n'este ultimo volume. É uma das instituições as mais proprias, sobre uma grande escala, para celebrar e accelerar o desenvolvimento moderno, conjunctamente mental e moral.» [1]

A previsão do philosopho realisou-se em breve na corrente da civilisação moderna, com os Centenarios de Petrarcha, de Miguel Angelo, de Spinosa, de Hegel, de Voltaire, de Camões, de Luthero, da Universidade de Leyde

[1] *Lettres à Stuart Mill*, p. 46.

e da libertação de Vienna. A consciencia moderna achou a fórma perfeita da sua Synthese affectiva.

O sentimento da veneração é uma das principaes forças coordenadoras das sociedades humanas; sem elle a ordem seria uma violencia material e nunca um accordo harmonico das vontades. Comprehende-se que segundo as varias épocas da evolução social esse sentimento varie conformando-se com os motivos racionaes. Á veneração prestada á *edade* no regimen patriarchal, succede a veneração prestada á *força*, no regimen heroico e aristocratico, ou ao accidente do *nascimento*, como vemos ainda com as familias dynasticas.

A Civilisação vencendo a estabilidade dos seus elementos tradicionaes, confere a veneração ao *merecimento*. É n'este momento da historia que os Centenarios dos Grandes Homens se tornam a synthese affectiva d'esta nova concordia moral. Caíram os velhos

mythos religiosos diante da concepção scientifica do universo; decaíram do seu esteril perstigio as classes privilegiadas; perderam o respeito as instituições anachronicas da politica empirica. Effectivamente sob esta poderosa acção critica do seculo, falta-nos um objecto para a nossa veneração condigno da nossa altura moral.

O que dizia Madame de Staël: *Restitui-nos o prazer da admiração*, torna-se a urgente necessidade da nossa época, que reclama alguma cousa sobre que exerça o sentimento da veneração. Que objecto mais sublime do que a consagração social d'aquelles que exerceram a sua actividade, a sua affectividade e a sua intelligencia elevando a especie e fortalecendo-a pela consciencia da sua solidariedade?

§. I

O CENTENARIO DE CAMÕES

I

Nas sociedades modernas duas novas fórmas de Poder começam a definir-se espontaneamente, como as que têm de vir a substituir de um modo consciente o poder espiritual dos dogmas, que já não realisam o accordo das consciencias, e o poder temporal da auctoridade empirica, que reconhece a necessidade de fortalecer-se na renovação plebiscitaria; essas fórmas novas do poder são a *Sciencia* e a *Industria*. Só a sciencia com as conclu-

sões verificaveis é que consegue estabelecer uma verdadeira unanimidade; é tambem a Industria, vivificada pelas descobertas scientificas, que, transformando o meio cosmico e adaptando-o ás necessidades humanas, realisa nas sociedades a equação inilludivel entre a producção e a consummação. Emquanto os actuaes poderes constituidos, na sua actividade sem plano, sentem que vão sendo lentamente eliminados, e em vez de coordenarem o movimento dos diversos factores sociaes, o perturbam regulamentando ou graduando a instrucção e invadindo a esphera economica, — a Sciencia acha-se ainda submettida ao pedantismo das Academias, que a querem harmonisar com os dogmas decaídos, e a Industria acha-se dispendida nas suas grandes forças na fabricação de couraçados, canhões e todos os degradantes instrumentos de devastação accumulados pelas monarchias nos seus arsenaes de guerra. Para saír d'este esta-

do de anarchia, que ataca intimamente as fórmas tradicionaes do Poder, as sociedades vigorosas acharam na sua evolução os meios para irem estabelecendo o reconhecimento do poder espiritual da Sciencia, e do poder temporal da Industria: os *Congressos*, hoje tão frequentes e já periodicos, como os de Anthropologia, e as *Exposições*, ou as grandes festas internacionaes do trabalho. Pelos Congressos, a sciencia torna-se verdadeiramente cosmopolita, e os problemas theoricos definem-se independentemente dos conflictos da personalidade, ou addiam-se até nova demonstração; de cada parte do mundo vae a contribuição para a verdade. Pelas Exposições generalisam-se os processos mais avançados do trabalho, estimula-se o genio inventivo pela consagração dos povos, e as necessidades provocam a producção do que melhor ou mais facilmente póde conseguir a solução do problema do bem estar do maior nu-

mero. Á medida que os povos vão constituindo uma collectividade pelas relações commerciaes e juridicas, pela communhão scientifica e pelas vantagens industriaes, cáem as barreiras materiaes que separam as nações; o homem sente-se solidario perante a Humanidade, e o velho preconceito, tão deploravelmente explorado do patriotismo, disciplina-se na conservação e desenvolvimento da caracteristica nacional. O typo e o caracter nacional, são as condições staticas que collaboraram na *vida historica* de um povo ou a sua evolução dynamica; á medida que a solidariedade humana se alarga, o aggregado nacional mantem a sua physionomia propria como factor historico do progresso.

Depois dos *Congressos* e das *Exposições*, que são por assim dizer os concilios e os jubileus da intelligencia e da actividade humana, os *Centenarios* dos grandes homens são as festas das consagrações nacionaes. Cada povo

escolhe o genio que é a synthese do seu caracter nacional, aquelle que melhor exprimiu essas tendencias, ou o que mais serviu essa individualidade ethnica; o vulto de Cervantes symbolisará em todos os tempos a Hespanha, como Voltaire representa em todas as suas manifestações o genio francez; Dante, Petrarcha e Miguel Angelo para a Italia, Shakespeare ou Newton para a Inglaterra, Luthero e Goëthe para a Allemanha, Spinosa para a Hollanda, são os laços por onde estes povos, mantendo o seu individualismo nacional, se prendem ao grande conflicto da historia como esforços collectivos que conduziram para a noção da Humanidade que se affirma.

N'este esforço constante que constitue a trama da historia, não ha grandes nem pequenas nacionalidades; todas as aptidões são precisas, todas as differenciações conduzem a uma harmonia. O nome de Camões, quando

Portugal se esquecia durante o seculo XVIII da sua immortalidade, foi lembrado pela Europa culta como o symbolo d'esta pequena nacionalidade, quasi eliminada da historia. Quando em qualquer paiz da Europa se falla em Portugal, confundem-nos inconscientemente com a Hespanha; mas ao dizer-se — sou da terra de Camões, — immediatamente a individualidade nacional é reconhecida. E qual o motivo d'esta universalidade do nome de Camões? Não provém sómente da sublimidade dos seus versos; versos egualmente sentidos são os de Bernardim Ribeiro e de Christovam Falcão; provém do facto historico com que Portugal affirmando a sua nacionalidade contribuiu para o progresso humano — a descoberta do caminho para o Oriente. Camões sentiu, melhor do que ninguem, a profundidade d'este facto, e inspirou-se d'essa gloria para a sua concepção artistica. O Centenario de Camões devia ser a festa da nacio-

nalidade portugueza; toda a grandeza e sumptuosidade que se desenvolveu adquiriu uma significação mais profunda, não só em relação ao logar que nos compete na historia da civilisação, como nos accidentes que envolverem o futuro da nossa nacionalidade.

Quando em 1580, os exercitos de Philippe II entraram em Portugal, e a aristocracia se vendia torpemente ao invasor reconhecendo-lhe uns pretendidos direitos, havia um partido nacional da independencia, que resistiu; a esse partido pertencia Dom Francisco de Almeida, que andava assoldadando gente para um levantamento nacional, e foi a esse que escreveu Camões as celebres palavras: — *ao menos morro com a patria*. Era esse um descendente «dos Almeidas, por quem ainda o patrio Tejo chora,» como Camões os immortalisou nos *Lusiadas*. Philippe II entrou triumphante em Lisboa, mezes depois de Camões ter expirado na indigencia a 10 de Junho de 1580. O rei

mandou-o procurar, talvez para o corromper como a Bernardes, a Caminha, a Fernão Alvares d'Oriente, e a quasi todos os escriptores do ultimo quartel do seculo XVI; mas aquelle que supportára todas as decepções, os desprezos da côrte de Dom João III, as prisões, os desterros, os naufragios, a miseria, não podia na realidade resistir ao golpe instantaneo que extinguia a independencia nacional da patria a que elle levantára um monumento eterno. A casa de Vimioso, a que mais soffreu com a invasão de Philippe II, deu-lhe o lençol com que o enterraram obscuramente na egreja de Santa Anna. Aquelles espiritos que lamentavam a conquista de Portugal, consolavam-se lendo a epopêa de Camões, e póde-se affirmar que os *Lusiadas* acordaram o sentimento da independencia nacional que se affirmou na revolução de 1640; João Pinto Ribeiro, esse extraordinario cidadão que dirigiu o movimento nacional, que

combinou as allianças diplomaticas e auxilios de guerra com Richelieu, que moveu o inerte Duque de Bragança a representar a aspiração portugueza, e que soube conhecer o momento em que a revolução teria o triumpho certo, pela acção simultanea com o levantamento da Catalunha, — João Pinto Ribeiro lia e commentava pela sua mão o poema de Camões. Quando Dom João IV, collocado por esse cidadão no throno, lhe dizia: — Que pena, João Pinto Ribeiro, que não sejas fidalgo para dar-te as honras que mereces! — o homem justo deixava-se morrer na obscuridade do seu tempo, seguro de ter cumprido um grande destino. Desde o primeiro dia da sua independencia até hoje, Portugal tem estado separado da communhão europêa, alheio quasi á corrente da civilisação; no seculo XVII extinguiram-lhe o principio da soberania nacional proclamado nas côrtes geraes de 1641 e sustentado pelos jurisconsultos da es-

*

chola de Hothman, taes como o reinicola Velasco de Gouvêa; no seculo XVIII a sciencia era perseguida systematicamente, e no estrangeiro é que Jacob de Castro Sarmento, Francisco Xavier de Oliveira, Brotero, Coelho da Serra, o Duque de Lafões, Francisco Manoel do Nascimento, e tantos outros procuram asylo. Na *Historia do seculo XIX*, Gervinus descreve a situação de Portugal como a do paiz mais atrazado pela sua decadencia politica e pelo obscurantismo que coadjuvava o arbitrio da auctoridade; a situação é ainda a mesma porque persistem as mesmas causas, ha apenas os protestos individuaes, que algum dia tirarão o espirito publico da sua apathia. O Centenario de Camões n'este momento historico, e n'esta crise dos espiritos teve a significação de uma revivescencia nacional. Teremos n'este organismo ainda as energias para que um povo se affirme perante a historia? A resposta dependera da

realisação do Centenario, em 10 de junho de 1880! Os governos, em geral analphabetos, não se pejam de subsidiar espectadores para as estultas paradas militares, mas recuaram diante da responsabilidade de cooperar para a grande festa da nacionalidade portugueza. N'um paiz apathico como o nosso, tudo morre se não receber o impulso da vida official; sem esse impulso o Centenario de Camões não passaria de pequenas commemorações locaes, quando muito com o valor de um protesto. O nome de Camões está ligado não só á restauração da independencia nacional de 1640, como a todos os factos em que a liberdade truncada pelo despotismo procurou affirmar-se. Quando Dom João VI prejurou os principios da soberania nacional proclamados na Revolução de 1820, com que Fernandes Thomaz e outros cidadãos nos salvaram das garras de Beresford com que a Inglaterra nos ia tornando uma feitoria ingleza a

contento do governo paternal do Rio de Janeiro, a Constituição de 1822 foi miseravelmente rasgada, e aquelles que professavam ideias liberaes foram perseguidos refugiando-se em 1824 no estrangeiro. Entre esses foragidos politicos de 1824, que lamentavam o ultrage da Constituição portugueza substituida pelo poder absoluto de Dom João VI, figuram os grandes artistas Domingos Sequeira, Almeida Garrett, e Bomtempo; esses tres sublimes espiritos alentaram-se no desterro idealisando a patria pela commemoração de Camões. Sequeira, o assombroso artista equiparado pelo Conde de Rackzynski a Rembrandt, pintou o seu celebre quadro da *Morte de Camões;* o mellifluo poeta Almeida Garrett, o genio que primeiro do que ninguem soube inspirar-se da tradição nacional e tirar d'ella os elementos para a creação da Litteratura portugueza, compõe n'esse mesmo anno, e no exilio, o poema *Camões;* e Domingos Bomtempo,

reduzido á miseria, porque lhe prohibiram no seu paiz os concertos com que se sustentava, pretextando a obcecação do absolutismo que eram motivo para as reuniões dos liberaes, lá foi para França e no meio de todos os seus desastres escreveu, tambem no mesmo anno, a celebre missa de *Requiem* intitulada *Camões*. Uma mesma corrente tradicional e sentimental determinava esta orientação; se os espiritos mais distinctos lhe obedeceram, isto basta para tornar a commemoração de Camões como symbolisando todas as aspirações da nacionalidade portugueza, as suas glorias e os seus desastres. É tempo de saírmos d'este marasmo de esterilidade em que nos lançou um systema politico de expedientes, d'esta infeudação de um povo a uma familia, d'esta atonia mental que deixa a critica das instituições á perversão jornalistica, a sciencia ao favor do estado, que reduz a iniciativa á actividade official; se ha força para

çortar a direito, então a nacionalidade portugueza revive, tem uma razão de ser, e esse grande momento em que faz crise o seu estado adynamico começou com o dia do Centenario de Camões.

Mas este facto, mais suggestivo da nossa individualidade nacional do que um desastre perturbador trazido pela insensatez de uma unificação monarchica, teve um sentido bem profundo, quer o consideremos com relação ao futuro da nacionalidade portugueza sobre este solo da peninsula, quer como reivindicação do logar que nos compete na perpetuidade da historia pela acção directa que exercemos provocando o advento da civilisação moderna. Comecemos por este ultimo facto.

A entrada dos Turcos na Europa foi uma ameaça tão terrivel para a civilisação e ainda para o futuro da humanidade, como a invasão dos exercitos dos Persas contra a Grecia; então, era

a civilisação hellenica que se extinguia e com ella a cultura romana, e dos arabes que vieram acordar as duas renascenças, e embora a civilisação humana viesse a abrir o seu caminho mais tarde, não estava tudo perdido, porque os Persas, como raça árica, eram progressivos. As batalhas espantosas de Marathona e Salamina, onde a intelligencia prevaleceu sobre o numero, onde a tactica dos gregos esmagou a força bruta, salvaram o futuro da Europa, e cabe á Grecia no grande poema da humanidade, a gloria não só de haver iniciado o progresso sobre bases scientificas, mas tambem de ter sido um dique poderoso que defendeu sempre a Europa das invasões asiaticas. Com a entrada dos Turcos era a situação mais desesperada; os Turcos traziam sobre a Europa, o numero e a disciplina, e achavam os monarchas europeus em dissidencias de familia e ainda no conflicto contra a aristocracia baronial: o seu caracter fanati-

co e desmoralisado, com a negação da sciencia, com a avidez e impassibilidade da devastação contra os monumentos que não comprehendiam, com um entranhado odio de raça decaída que se insurge, com rancores indomaveis de religião, parasitas na pilhagem, e improgressivos, como se vê no seu estado actual depois do contacto de quatro seculos com a civilisação que apenas imitam nas exterioridades, com esse caracter a conquista da Europa significava a ruina e o retrocesso irreparavel. Os Turcos avançavam prodigiosamente, e os estados europeus agitavam-se com o terror da incerteza, mas não se ligavam contra o diluvio da selvageria; segundo o seu interesse religioso o papa clamava, mas os Turcos chegavam já á Hungria. Com a queda de Constantinopla em poder de Mahomet II, tudo quanto era capaz de pensar e de interessar-se pela sciencia sentiu a negrura d'esse incalculavel desastre. O Infante Dom

Henrique, o iniciador das navegações portuguezas, escreveu a Mahomet II uma carta ameaçando-o com a morte, e notificando-lhe como cavalleiro o seu doesto; mas o sorriso que provoca essa audacia de um pequeno estado contra o maior poder então conhecido, converte-se em admiração, porque na realidade foram os portuguezes que salvaram a Europa da invasão crescente dos Turcos; as novas batalhas de Marathona e Salamina foram na Asia, para onde os Turcos fizeram refluir todo o seu poder para arrancarem aos golpes audaciosos dos expedicionarios portuguezes o novo dominio que se estabelecia no continente em que só eram senhores. A ameaça do Infante Dom Henrique realisou-se por meio das navegações, de que elle tinha sido o principal fautor. Tal é a significação do facto da chegada dos portuguezes á India, e dos seus primeiros planos de conquista em extensão e rapidez. Camões, cantando esse

facto nos *Lusiadas*, é o poeta da Europa moderna, da Europa mercantil e cosmopolita, pacifica e scientifica, que começa no seculo XVI, como Dante é o poeta da Edade media, theologica e revolucionaria, das sanctificações locaes e das reacções heterodoxas. Foi por isso que a Europa reconheceu Camões como o poeta da epopêa sem batalhas, como o symbolo de uma nova civilisação; foi por isso que todas as litteraturas modernas verteram para as suas linguas a epopêa, e actualmente os escriptores de todos os centros da Europa se interessaram cooperando pelo Centenario de Camões.

O facto capital com que Portugal entrou na vida historica foi a descoberta do novo caminho para o Oriente; as consequencias d'esse facto exerceram uma acção incalculavel sobre o futuro da humanidade, levando as nações da Europa a conhecerem as suas origens ethnicas, e a saberem ex-

plicar o seu passado. Póde-se dizer, que Portugal determinou a alliança do Oriente e do Occidente; até á descoberta dos portuguezes, a Asia lançava sobre a Europa as suas hordas, como na invasão persa, e na invasão dos Mogoes e dos Turcos, e a Europa reagia lançando sobre a Asia os exercitos de Alexandre, os exercitos de Pompeu e Scipião, e as cohortes de Godofredo hallucinadas por Pedro Eremita. A Asia vencida triumphava pelo contagio dissolvente dos seus cultos orgiasticos, que corrompiam a civilisação grega no metaphysicismo alexandrino e que embriagavam a Europa no fervor proselytico do ascetismo monachal e do mysticismo. Como consequencia d'essa corrente que paralysou a marcha scientifica da civilisação, levámos ao Oriente a cruz e esse fervor inconsiderado com que derrocavamos a ferro e fogo os sumptuosos templos, como o de Elephanta, até que o genio europeu pôde des-

cobrir e comprehender os novos e mais remotos documentos da consciencia humana, como os livros sagrados dos *Vedas* e do *Avesta* e as vastas epopêas do *Ramâyana* e do *Mahabhárata*. Esse estudo, levado de frente por outros povos que nos succederam no dominio e na vida historica, abriu á intelligencia novos recursos para vencerem e subordinarem á previsão as fatalidades do meio sociologico; pela sciencia comparativa da linguagem, e das religiões, pela ethnologia da raça árica, a Europa pôde conhecer as suas origens, e comprehender melhor o caracter das civilisações grega e romana, e emancipar-se de vez das preoccupações religiosas que a atrazaram. Para os homens que possuem o vasto criterio de Humboldt e de Schlegel, o poema de Camões tem o valor de uma synthese das aspirações do mundo moderno; Quinet, no *Genio das Religiões*, explica-o lucidamente, como significando a allian-

ça do Occidente com o Oriente. O Centenario de Camões foi tambem uma commemoração europêa; para esta festa era do brio nacional que os camonianistas allemães, inglezes, francezes e italianos, fossem convidados pelo governo portuguez.

O nome e a obra de Camões estão indissoluvelmente ligados ao futuro da nacionalidade portugueza; se prevalecesse o principio da formação artificial e forçada das grandes nacionalidades, com que Napoleão III lançou a Europa actual no regimen da guerra, Portugal teria de ser unificado violentamente á Hespanha; as duas monarchias peninsulares sonharam essas aventuras, que ainda embalam o sonho tresloucado do iberismo. O poema de Camões e o nome do poeta haviam de ser sempre o protesto eloquente contra o assassinio de uma pequena nacionalidade, como já o haviam sido em 1640. Mas a Europa occidental tende para a estabilidade do regimen da paz

pela democracia; a fórma politica das nações occidentaes ha de ser a republica mantida pela Federação, em que as differenças ethnicas e tradicionaes são reconhecidas. Na peninsula hispanica essas differenças ethnicas são bem claras na historia e mais ainda, através das unificações monarchicas, nos costumes e feições locaes; a aspiração cantonal que perturba a Hespanha, ha de disciplinar-se em republicas federaes, como admiravelmente o pressentiu o grande democrata portuguez José Felix Henriques Nogueira, e o demonstra com segurança Pi y Margall; n'essa Confederação dos estados peninsulares ha de Portugal entrar tambem com a sua autonomia nacional, unificando-se-lhe a Galliza como parte integrante do seu organismo ethnico, e pela sua situação geographica e superioridade moral, exercerá então uma verdadeira hegemonia. Mas serão isto hypotheses phantasistas? Desde que se admitta que os povos

peninsulares serão um dia regidos com intelligencia politica, e que este inconsciente empirismo tem de ser eliminado, a obra dos Estados-Unidos-peninsulares ha de ser integralmente realisada. Então n'esse grande dia da confraternidade o nome de Camões será a divisa da individualidade nacional, e tanto o Centenario de Camões como o de Cervantes são as festas da alliança autonomica dos povos irmãos. Bem foi que não deixassemos passar desapercebido o dia 10 de junho de 1880, para que a geração que nos succeda não se envergonhe da nossa apathia mental que se reflecte de um modo tão lamentavel sobre a desaggregação nacional. Na hypothese de que alguma cousa se faria na commemoração civica do Centenario de Camões, aventámos o elenco para a grande festa da nossa revivescencia.

Consagrámos tres dias de ferias publicas ao Centenario :

No primeiro dia (8 de Junho) —

Conferencias historicas sobre a vida de Camões e sobre o seu seculo. — Exposição de uma Bibliotheca camoniana (a do snr. conselheiro Minhava, tão completa). — Publicação da Bibliographia camoniana, organisada conforme a Bibliographia dantesca e petrarchista de Ferrazzi.

No segundo dia — Exposição do quadro de Sequeira *A morte de Camões*. — Leitura recitada do *Camões* de Garrett. — Execução dos principaes trechos da *Missa* de Bomtempo dedicada a Camões.

No terceiro dia (10 de junho) — Publicação de uma edição monumental dos *Lusiadas*, e de uma Medalha commemorativa. — Fundação de um *Circulo camoniano*, ou Sociedade erudita destinada á revisão de um texto definitivo das obras do poeta, porque o corrente foi formado pelo arbitrio de Faria e Sousa, e para a sua interpretação philologica e historica. — Representação de um drama ou opera sobre Ca-

mões; e recitação theatral dos principaes episodios dos *Lusiadas*.

II

A vida do cantor dos *Lusiadas* é por si um grande poema, bello pela verdade, profundo pela realidade; compõe-se do conflicto de tres sentimentos exclusivos que o impulsionaram, tornando-o um dos primeiros em um seculo de renovação que dera á consciencia humana as bases do criterio scientifico. O *amor*, a *patria*, a *gloria*, eis a trilogia do poema sublime d'essa vida.

O Amor, o sentimento que realisou no mundo moderno a egualdade civil, que penetrou como um dilúculo de aurora na mudez sombria dos castellos feudaes, onde eccoaram as melodias subjectivas dos trovadores da Provença, — o Amor, que serviu de thema á expressão escripta das linguas novo-

*

latinas, foi esse o estimulo primeiro que acordou o genio de Camões. Na revelação inspirada de uma emoção pessoal, Camões synthetisa uma das caracteristicas da nacionalidade, que Lope de Vega, Cervantes, Espinel e Sevigné accentuaram na passividade amorosa dos portuguezes. Depois da idealisação de Dante no typo aéreo de *Beatriz*, e da contemplação extática de Petrarcha, na *Laura*, Camões separou o ideal da mulher da allegoria theologica e da abstracção platonica, e da lucta das paixões destacou a candura ingenua de *Nathercia*, na eloquencia surprehendente e inimitavel, que resumiu em um só verso:

De amor escrevo, de amor trato e vivo.

Foi essa eloquencia que suscitou em volta de Camões o assombro momentaneo, que se converteu na inveja dos mediocres, de uma côrte beata, d'onde o arremessaram para o desterro.

Camões seguiu errante pelo vasto dominio das conquistas portuguezas, affrontando os perigos dos assedios, os combates navaes, as tempestades, os naufragios, os cruzeiros pestilentes, e a miseria de alheios hospicios:

Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.

Guiava-o uma miragem que o alentava na lassidão exhausta do desterro; preoccupava-o um pensamento de gloria, não para si, mas para identificar a sua vida com a de Nathercia. Esse era o sentimento que lhe trazia a esperança no meio das borrascas, era o sonho intenso, o sonho acordado, que o levava incólume pela borda do abysmo, ainda derribado da sua fortuna. E, como a bonina desfolhada antes do tempo, Nathercia, candida e bella, foi truncada pela morte, na flôr da edade *muito moça, no paço,* como o declaram os seccos nobiliarios.

Para que servia a Camões a gloria, depois d'essa ruina e desmoronamento irreparavel do futuro? Que restava mais? Aquella grande alma agarrou-se á vida com a tenacidade de um destino; nas prisões, para onde o arrojavam abatido, accusado e miseravel aquelles a quem andava elaborando o pregão eterno do seu canto, ahi lhe appareceu na visão da saudade o ideal novo

da ditosa Patria sua amada.

Era a Sião sagrada de que o desterrado se lembrava; a aspiração da gloria tinha um porquê, rejuvenesceu-lhe a vida; por ella mandaria ao futuro o testamento grandiloquo do valor do

peito illustre lusitano.

Contra a gloria, que o poeta ambicionava, reagiu a sorte fazendo-o quasi perder o poema dos *Lusiadas* no

naufragio das costas de Cambodja. E como a fatalidade lhe roubara Nathercia, o que restava d'esses amores, os versos que perpetuaram

as lembranças que n'alma lhe moravam,

foram-lhe tambem roubados pouco depois da sua chegada a Lisboa. Salvaram-se os *Lusiadas,* mas para uma gloria bem triste, a de ser o grito extremo de uma nacionalidade que succumbe.

Se o Amor, a Patria, a Gloria foram para Camões a luz, o impulso e a visão consoladora, tudo isso rolou no abysmo das suas perdições; era já tarde para buscar o refugio

do negro esquecimento e eterno somno.

A vida prolongou-se-lhe bastante para vêr contradictados os seus cantos, para assistir ao paroxismo de um

povo livre que recebeu com festas o jugo do invasor.

Uma consolação lhe restou ao vêr expirar a liberdade portugueza, como se a sua empreza fôra imprevistamente terminada:

Acabe-se esta luz aqui commigo.

Eis por onde a morte foi para Camões tambem uma das condições da sua immortalidade, e a razão por que o seu nome foi e será sempre um poderoso estimulo de revivescencia da nação portugueza.

*

A sciencia moderna, pela bocca de Frederico Schlegel affirma esta sublime conclusão: «Nunca desde Homero, poeta algum foi tão honrado e amado pela sua nação como Camões; de modo que tudo quanto esta nação, decahida da sua gloria immediatamen-

te apoz a morte d'elle, conservou de sentimentos patrioticos, tudo se liga a este unico poeta, que póde com justiça substituir a maioria dos outros e ser considerado como uma litteratura inteira.» São de uma profunda verdade estas palavras; o nome de Camões é a synthese do sentimento nacional portuguez. A historia o confirma; ainda no seculo XVI, sob o dominio extrangeiro o poema dos *Lusiadas* era lido e commentado pelos que suspiravam pela independencia da patria; e o grande revolucionario de 1640, João Pinto Ribeiro, n'esse poema encontra acceso o fogo sagrado com que revindicou a autonomia da liberdade portugueza. Todas as vezes que essa liberdade esteve em perigo, Camões e o seu poema foram o palladio em volta do qual se congregaram todas as energias da independencia, como vimos em 1817 a 1820 com as homenagens do Morgado de Matheus, e em 1824 com as bellas creações artisticas de Garrett e de Se-

queira. Todos os que ha pouco assistiram á festa de unanimidade do sentimento nacional do Centenario da morte de Camões, em 10 de junho de 1880, viram n'este facto o phenomeno moral de uma revolução das consciencias, que tornou este grande dia como o marco d'onde partimos para um novo destino. A vida de Camões não é uma simples indicação de dados biographicos; ella está ligada a todos os accidentes historicos da nacionalidade portugueza. Nasceu no mesmo anno em que morria Vasco da Gama, em 1524, como se os grandes feitos realisados precisassem de ser completados pela eternidade da gloria. Foram seus paes, Simão Vaz de Camões, segundo neto do trovador galleziano Vasco Pires de Camões, e D. Anna de Sá e Macedo, oriunda da familia dos Gamas, do Algarve. Na vida do poeta sentem-se estas duas influencias ethnicas, no seu caracter passivo e ao mesmo tempo inquieto, como vêmos no subje-

ctivismo dos cantos lyricos, e nas tempestades constantes que lhe envolveram a existencia. Nascido no primeiro quartel do seculo XVI, na fecunda época da Renascença, elle acompanha essa actividade dos espiritos como um humanista, conhecedor das litteraturas da antiguidade, das sciencias que se restabeleciam, e da jurisprudencia que se vigorisava nas sociedades pelo regimen parlamentar. A educação de Camões fez-se em Coimbra, parte no mosteiro de Santa Cruz, para onde convergiam todos os filhos da aristocracia portugueza, e na Universidade de Coimbra depois de reformada em 1537. A época da sua formatura juridica fixa-se até 1542, e esta data é eloquente, porque nos mostra que escapou á esterilisadora acção dos jesuitas em Portugal, que depois de 1555 se apoderaram do ensino publico, offuscaram a fecundidade creadora dos Quinhentistas, e mataram nas consciencias das gerações novas, submettidas á sua

férula, o sentimento nacional, que em 1580 estava totalmente extincto, a ponto de Philippe II, o invasor, ser recebido com arcos triumphaes.

Depois de 1542, Camões veiu frequentar a côrte de D. João III, onde o beaterio extinguira o esplendor dos serões litterarios em que a aristocracia portugueza revelava uma extraordinaria cultura; o facto de não deixarem saír de Portugal a Infanta D. Maria, ultima filha de D. Manoel, para ir ter com sua mãe que estava casada com Francisco I de França, fez com que a deixassem distrahir-se com exercicios litterarios, como tambem usava Margarida de Navarra; foi em volta da infanta D. Maria que se formou essa côrte esplendida de senhoras instruidas, como as Sigêas, Angela Vaz, Paula Vicente, D. Leonor de Noronha, D. Francisca de Portugal: ella recebia a dedicatoria do *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, e pedia versos a Camões.

Durante este periodo da vida do paço é que o poeta teve amores com D. Catherina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima, camareiro-mór de D. Duarte, e que o odioso Pero de Andrade Caminha motejou de Camões em varios epigrammas, por ventura maquinando as intrigas que tiveram como resultado o ser Camões desterrado da côrte, e o andar errante pelo Ribatejo, até que se resolveu a ir militar em Africa.

Fixa-se depois de 1546 a partida para a Africa, servindo dois annos nas guarnições de Ceuta, perdendo em uma embuscada dos arabes o olho direito, o fructo acerbo de Marte, a que se refere nos seus versos. Em Africa começou a ver a decadencia progressiva do dominio portuguez e a sentir a necessidade de perpetual-o na memoria dos homens. Assim lhe nasceu n'alma o desejo de ir batalhar nas conquistas do Oriente, acompanhando em 1550 o novo vice-rei Affonso de Noronha, que

partira de Africa para Lisboa, d'onde devia seguir para a India. Camões alistou-se como soldado para ir na armada do vice-rei, mas como esta arribou pouco depois da partida, Camões ficou em terra, por ventura esperançado na grande protecção que o joven principe D. João consagrava então aos poetas portuguezes. Um accidente desgraçado complicou a sorte de Camões, já odiado na côrte; generoso e valente, para acudir a um amigo feriu em 1552 na Procissão de Corpus o creado dos arreios de D. João III, Gonçalo Borges, d'onde resultou ser preso e jazer um anno na cadeia do tronco da cidade, até 7 de março de 1553. Durante esse periodo de carcere teve conhecimento da primeira *Decada* de D. João de Barros, que lhe fortificou o pensamento da composição do poema a que então chamava *Elusiadas*. A 24 de março de 1553 partiu para a India na náo «Sam Bento» sendo inscripto como *homem de guerra*, e tendo por fiador seu tio

Belchior Barreto, o que leva a inferir que a viagem da India fôra para elle um castigo.

A armada soffreu um terrivel temporal, e de todas as náos que a compunham, umas perderam-se, outras arribaram, e só a náo Sam Bento, obrigada a singrar por fóra da Ilha de S. Lourenço chegou á India n'esse anno de 1553. «Foi logo necessario termos guerra,» diz o poeta que acompanhou o vice-rei D. Affonso de Noronha na expedição contra o Chembé; em 1554 occupa-se no cruzeiro doentio do Monte Felix, regressando a Gôa na época dos festejos da nomeação do governador Francisco Barreto, em 1555, em que cooperou com o auto de *Filodemo*.

A vida em Gôa era assás dissoluta, e Camões protesta contra essa sepultura de todo o homem honrado; Francisco Barreto era novo e bastante severo, querendo assignalar o seu governo pela reorganisação dos serviços pu-

blicos. Foi n'esta crise que escolheu Camões para Provedor-mór dos Defuntos e Ausentes de Macáo, logar de natureza de Ministerio publico orphanologico, que longe da metropole das colonias só poderia ser exercido por um homem conhecedor de direito, valente e honrado. Camões partiu para Macáo em 1556, regressando ao fim de dois annos, debaixo de prisão por ser *mexericado de amigos,* como passados annos o dissera a Manoel Corrêa. Durante os dois annos de Macáo, occupou-se em escrever o poema dos *Lusiadas,* na celebre gruta ainda memorada. No regresso a Gôa, naufragou na foz do Mecon, nas costas de Cambodja, onde se salvou a nado, salvando tambem a odyssêa das glorias portuguezas. Elle viu as maravilhas da cidade de Angor, e no seu poema falla dos cultos da religião dos Khmères, cuja arte a sciencia moderna estuda hoje com espanto. Depois de chegar a Gôa, e já no carcere, recebeu a noticia da morte pre-

matura de D. Catherina de Athayde. Na côrte da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, existiam varias damas com este nome; d'aqui uma certa dificuldade em determinar qual d'ellas foi amada e cantada por Camões. Quiz alguem considerar a filha de D. Alvaro de Sousa, casada com Ruy Borges Pereira de Miranda, como a que inspirou os amores do poeta; o unico argumento plausivel seria o conflicto com Gonçalo Borges, acima citado, pelo facto de ser irmão bastardo de Ruy Borges. Contra tal inferencia apparecem as datas historicas. D. Catherina de Athayde, filha de D. Alvaro de Sousa, morreu em 28 de setembro de 1551, antes de Camões ter partido para a Asia; ao passo que D. Catherina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima, morreu em 1556, e a noticia da sua morte só chegou á India pouco antes de ter Camões regressado de Macáo. Foi evidentemente esta a namorada de Camões, porque no

soneto CLXXII, que trazia no manuscripto a rubrica *Das suas perdições*, se reune sob o mesmo golpe da fatalidade, o naufragio na foz de Mecon e a morte da *cordeira gentil que tanto amava*:

Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te virão *em um só dia*
Dois lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.

Bem foi assim; porque um me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes saudades esperava;

E, por mais damno, o outro me *matou*
A cordeira gentil, que eu tanto amava,
Perpetua saudade da alma minha.

As relações de Pero de Andrade Caminha com D. Antonio de Lima, fortificam estas interpretações, que se completam pelo epitaphio d'este mediocre poeta á morte de D. Catherina de Athayde em 1556, e pelos seus miseraveis epigrammas contra Camões.

Invernando em Gôa em 1559, e pos-

to já em liberdade pelo vice-rei D. Constantino de Bragança, é empregado no despacho pelo novo vice-rei o Conde de Redondo em 1561, vivendo em 1563 na intimidade intellectual do sabio e velho naturalista Garcia d'Orta, o auctor dos *Colloquios dos Simples e Drogas*. Em 1564 o seu antigo amigo D. Antão de Noronha, succedendo na vice-realeza pela morte do Conde de Redondo, nomea-o para a sobrevivencia da Feitoria de Chaul, de que não chegou a tomar posse. É entre 1564 e 1567 que se collocam as viagens de Camões no archipelago das Molucas, citando nos seus versos principalmente a ilha de Amboina. Em 1567 Camões acompanhou Pedro Barreto que ía tomar posse da capitania de Moçambique, fiado na esperança de regressar depressa a Portugal com o seu poema; Pedro Barreto perseguiu-o por uma divida, e deixou-o na miseria, sendo em 1569 encontrado pelo seu amigo Diogo de Couto, esse chronista-

*

ethnologo, *tão pobre que comia de amigos*. Os portuguezes e camaradas que regressavam em 1569 a Portugal na náo Santa Clara, quotisaram-se entre si para o vestirem, e trouxeram comsigo *este principe dos Poetas do seu tempo*, como já então lhe chamava o eruditissimo Diogo de Couto.

Chegou Camões a Lisboa em 7 de abril de 1570. A nação estava na mais profunda miseria; Lisboa achava-se devastada pela *peste grande* de 1569, nome com que ficou conhecida na historia, e da qual morriam mais de quinhentas pessoas por dia. Os Jesuitas dominavam a consciencia do joven monarcha D. Sebastião, e maquinavam com a Hespanha a incorporação infame de Portugal. Foi n'este estado de abatimento publico, que Camões procurou dar á publicidade o poema dos *Lusiadas*, obtendo a licença em 23 de setembro de 1571, e apparecendo á luz só em principio de julho de 1572. Deu-se-lhe ainda em 28 d'este mez

uma tença de quinze mil reis pela sua *habilidade e sufficiencia*, só por tres annos, sendo renovada em 2 de agosto de 1575, mas sempre paga com atrazo pela má vontade dos funccionarios. O livro dos *Lusiadas* provocou contra Camões terriveis malevolencias da parte de Caminha, Bernardes, Jeronymo Côrte Real, Francisco de Sá de Menezes, Pedro da Costa Perestrello, e outros poetas da côrte, de sorte que em 1578 quando D. Sebastião se lançou na tresloucada expedição de Alcacer Kibir, Bernardes foi preferido a Camões para ser o cantor d'aquella empreza quixotesca, em que o rei já levava a corôa de ouro com que se havia de proclamar imperador em Fez. Depois da derrota de Alcacer Kibir em 4 de agosto, Camões conheceu que o cardeal D. Henrique, instrumento cego dos Jesuitas, conspirava contra a autonomia de Portugal, e todos os partidarios da independencia nacional se agrupavam em volta do poeta.

Elle adoeceu n'esse terrivel periodo conhecido na historia pelo nome de *tempo das alterações*, e vendo que a honra e liberdade portuguezas se afundavam na traição, ao saber que os exercitos de Philippe II já estavam em Badajoz, escreveu a D. Francisco de Almeida essas celebres palavras: *ao menos morro com a Patria*, tornando verdadeiro este protesto pelo seu fallecimento a 10 de junho de 1580, em um hospicio de caridade, como se sabe pela nota de Frei Joseph Indio, seu amigo, escripta no exemplar do poema que possuiu lord Holland. Sua mãe sobreviveu-lhe ainda até ao anno de 1585, *muito velha e muito pobre*, como diz um documento official.

O livro dos *Lusiadas* ficou como o deposito sagrado do germen da liberdade portugueza, e os Jesuitas o comprehenderam, porque em 1584 o mutilaram, como é evidente na caricata *edição dos Piscos*. Tres gerações passaram para que a intelligencia portu-

gueza sentisse a profundidade da synthese contida no nome de Camões, e essa intelligencia expressa pelo Centenario é a prova de uma immensa vitalidade nacional.

*

Sabe-se que depois da chegada de Camões a Lisboa, em 1569, roubaram ao poeta o livro dos seus versos, livro que o grande Diogo de Couto vira em Moçambique, onde encontrára esse *seu matelote e amigo* trabalhando em um livro de muita erudição e philosophia. No meio dos desalentos e miseria, Camões entretinha-se colligindo os seus versos, onde cantára os seus amores, os desastres de uma vida tempestuosa, e nos quaes os rasgos do seu espirito dominavam as catastrophes vendo os acontecimentos através d'essa graça que ainda hoje saborea-

mos nas suas cartas. A esses versos e composições dramaticas dera Camões, segundo o estylo da eschola italiana, o nome de *Parnaso*.

Roubaram-lhe pois esse livro na sua chegada a Lisboa, e, segundo Diogo de Couto, foi furto notorio, que se não pôde descobrir, mas que explica os plagiatos de Diogo Bernardes, de Francisco Rodrigues Lobo e de Fernão Alvares d'Oriente. Essa face sublime do genio de Camões ficaria ignorada, porque das suas obras lyricas apenas restavam a Ode ao Conde de Redondo em 1564, o Soneto a Manoel Barata em 1572, e os Tercetos a D. Leoniz Pereira em 1576, salvos pela imprensa. Só quinze annos depois da morte de Camões é que começaram a apparecer os primeiros plagiatos das obras do grande epico, e foi então que os livreiros tiveram o generoso instincto de explorar a curiosidade publica fazendo investigações, pedindo cadernos manuscriptos,

escrevendo para Goa e para Moçambique, transcrevendo os fragmentos dos cancioneiros de mão, para assim organisarem o primeiro texto das *Rimas* de Camões, impresso pelo benemerito livreiro Estevam Lopes, coadjuvado pelo poeta e jurisconsulto Fernão Rodrigues Lobo Soropita, em 1595. As descobertas succederam-se, e novos ineditos se ajuntaram á reimpressão das *Rimas,* de 1598. Os esforços de um outro intelligente livreiro Domingos Fernandes, coadjuvado por Pedro de Mariz e principalmente pelo bispo D. Rodrigo da Cunha, lograram accumular mais ineditos de Camões, em edições successivas e sempre augmentadas: os impressores-livreiros Craesbeck, Pedro, Lourenço e Antonio, deram ás obras do poeta a belleza dos seus typos, no formato de algibeira, os preciosos in-24.º de 1626, e 1627, 1631, 1632, 1633, 1644 e 1645, em que apparece pela primeira vez o *Auto de El-rei Seleuco.* Foram os li-

vreiros e impressores no seculo XVI e durante todo o seculo XVII, que descobriram o texto lyrico de Camões, e salvaram a lingua portugueza, que ficou o caracterisco da individualidade e resistencia nacional.

Observando o trabalho typographico exercido sobre os *Lusiadas*, podemos tambem organisar uma estatistica susceptivel de deducções fecundas. É certo que os numeros não governam o mundo, mas, segundo a phrase de Goëthe, dizem como elle se governa; é este o espirito da Statistica, que se póde applicar a toda a ordem de phenomenos. As impressões dos *Lusiadas*, no ultimo quartel do seculo XVI, durante todo o seculo XVII, no decurso do XVIII e XIX, revelam pela sua frequencia ou diminuição, as alterações do espirito portuguez, conforme a consciencia da nacionalidade e segundo o gráo de liberdade realisada nas instituições.

No seculo XVI, quando estava a pi-

que de se extinguir pelas traições da nobreza e pelas conspirações clericaes a nossa indepedencia, apparecem os *Lusiadas* em 1572. A consciencia nacional conservava-se na tradição vivificada pelo poema, abraçando como seu esse livro que se reimprimiu em 1584, 1591 e 1597. N'esse seculo, que termina para nós com o maior dos desastres, tiveram os *Lusiadas cinco edições*.

No seculo XVII, passado em grande parte sob o jugo hespanhol e nas guerras da fronteira, e depois de esterilisados pelo cesarismo bragantino, fizeram-se sómente *quatorze edições dos Lusiadas*.

No seculo XVIII, em que a nação foi totalmente desconhecida pelos seus monarchas, em que o despotismo attingiu o maximo do seu arbitrio em D. José, e em que a nação se viu exposta á ruina pela demencia de D. Maria I, e pelos actos de imbecibilidade de D. João VI, os *Lusiadas* quasi que ficaram esque-

cidos, tiveram apenas durante esses governos deprimentes, em cem annos, *dez edições.*

O seculo XIX, grande pela sua renovação scientifica, pelas aspirações politicas, pelas vastas applicações industriaes, transformou a consciencia moderna e assignala uma éra nova na marcha da humanidade; Portugal tambem se sente attraído para esta corrente progressiva da nova evolução, e póde dizer-se que a consciencia nacional se eleva. As edições dos *Lusiadas* n'este seculo sobem já a *mais de sessenta.* N'este seculo, em que, ao contrario do que dizia o venerando patriarcha da imprensa, o velho Aldo Manucio, «as armas vão sendo substituidas pelos livros,» coube á Imprensa portugueza a iniciação das festas do Centenario de Camões, servindo com a sua força a manifestação do rejuvenescimento nacional revelado por este phenomeno.

*

É sublime o accordo entre as conclusões scientificas das mais elevadas intelligencias da Europa e a intuição da alma popular, que encontraram em Camões — o representante de uma litteratura inteira e a synthese de uma nacionalidade. Bem dizia Frederico Schlegel, que nunca d'este Homero até hoje nenhum poeta fôra mais honrado e amado do que Luiz de Camões. D'onde provém esta unanimidade de enthusiasmo crescente, das homenagens successivas, senão d'essa relação profunda entre o genio de um homem e a consciencia autonomica de um povo? Foi a sciencia europêa que determinou pelos processos criticos essa relação historica, moral e artistica, e foi a espontaneidade popular que o affirmou tambem em pleno seculo XIX, dando a Camões a consagração que os maiores potentados da terra ainda alcançaram.

Esta pobre nação portugueza esgotada nas suas forças vivas sob a dynas-

tia mediocre e nefasta dos Braganças, sentiu-se rejuvenescer na contemplação das suas passadas grandezas perpetuadas na epopêa dos *Lusiadas*, n'esse côro unanime da mais esplendida apotheose ao genio de Camões, sómente o governo revelou a mais triste inintelligencia abandonando á iniciativa individual as manifestações que eram o symptoma da vida da nacionalidade; é porque esse governo monarchico é uma cousa morta, insensivel á opinião de um povo, e portanto incapaz de coordenar e dirigir as forças d'este organismo. Não cumpriu a lei de 10 de abril de 1880, e quiz embaraçar a grande festa da nacionalidade com boatos aterradores de planos de insurreição. Ficará na historia este desaccordo unico na universalidade das festas que simultaneamente se celebraram em Paris, Berlim, Napoles, Madrid, Barcelona, em todo o imperio do Brazil, nos Açores, em Boston, em Hong-Kong.

O Centenario de Camões significa uma cousa : que este povo é capaz de se mover por uma ideia. Não está morto como o julgavam aquelles que o ludibriavam sangrando-o pelo imposto, vendendo-o pelos emprestimos, matando-lhe o trabalho e desmembrando-lhe o territorio por tratados fraudulentos. A ideia que hontem foi uma recordação do passado, o amor da propria *tradição*, ámanhã póde ser uma aspiração do futuro. É por isso que o Centenario de Camões, realisando a harmonia sublime da consciencia portugueza, veiu revelar quanto ha ainda a esperar em quem sabe procurar o estimulo saudavel e fecundo na sua propria tradição.

O seculo XIX vae terminar deixando iniciada uma éra nova na alliança do Poder espiritual da Sciencia, que substitue os dogmas atrazados, e da Industria, que substitue essas forças estereis e parasiticas dos exercitos permanentes, que só serviram o interesse dos

reis. Essas duas forças racionaes, legitimas e compativeis com a dignidade humana, em breve regerão as sociedades. As festas da Industria, representadas pelas Exposições internacionaes, ensinam-nos a reconhecer d'onde ha de vir a ordem nova; as commemorações dos espiritos superiores, realisadas nos Centenarios dos grandes homens, revelam-nos que acaba o fetichismo dos symbolos autocraticos.

O Centenario de Camões foi um facto fecundo pelas lições que encerra; por elle se vê que Portugal pressente a orientação mental do mundo moderno, e voltando-se para Camões no dia em que elle entrou na immortalidade da especie, contempla-o a uma outra luz; não é só ao homem que morreu com a patria, em 10 de junho de 1580, que se consagrou o jubileu secular, é ao cantor que conservou na Historia sempre glorioso o nome de Portugal, e que no momento em que revive — esta ditosa patria sua

amada — o seu genio recebe a mais assombrosa das glorificações.

Além de nacional, o Centenario de Camões teve uma significação europêa. Os povos do Occidente da Europa constituem uma unidade baseada sobre as mesmas tradições poeticas, sobre as mesmas fórmas sociaes, e sobre uma intima solidariedade historica; a civilisação romana fundiu todos estes elementos ethnicos, emquanto ao direito, emquanto á linguagem, emquanto á justa relação entre a vida local apoiada no Municipalismo, e á coexistencia nacional iniciada com a independencia monarchica. A realeza tornando-se absoluta e apropriando-se das garantias locaes, destruiu este organismo, ficando os povos do Occidente separados entre si, e invadindo-se mutuamente por guerras dynasticas. A dissolução do regimen catholico-feudal levada ao seu mais alto gráo de intensidade pela Revolução franceza, determinou o trabalho de recomposição

pela affirmação da liberdade politica; procurou-se um novo poder espiritual na sciencia, e pela sciencia é que foram successivamente achadas as bases da unidade moral e social das nações latinas. Activar a disciplina consciente d'essa unidade pela Federação das nações occidentaes, eis o fim supremo para o trabalho dos politicos, dos philosophos e dos artistas. França, Italia, Hespanha e Portugal, eis o quadrado dentro do qual ficará para sempre garantida a liberdade moderna. Com a festa do Centenario de Camões, que provocou a Hespanha á glorificação de Calderon, Portugal exerceu uma profunda acção de convergencia emocional, que um dia será considerada o primeiro impulso para a alliança federativa dos povos de civilisação latina.

III

No phenomeno de revivescencia nacional provocado pela celebração do Centenario de Camões em 1880, avulta um facto, entre as numerosas e espontaneas manifestações da iniciativa individual, que tornaram essa festa uma vibração fecunda da consciencia portugueza. Esse facto foi o accordo de todas as Associações estabelecidas em Lisboa, para commemorarem no dia 10 de junho de cada anno o começo de uma éra nova, realisando um congresso dos representantes de todas as Associações reunidas para o fim de apreciar as condições do successivo desenvolvimento social, intellectual e economico do paiz. Emquanto no paço o pensamento do cortejo civico triumphal era chasqueado como uma nova fórma de enterro do bacalhau, e o governo faltando ao cumprimento da

*

lei votada pelo poder legislativo, regateava os mil reis com que a nação pagava a divida de tres seculos á mais pura e eloquente das suas glorias, foi entre o povo que a emoção do Centenario de Camões achou a sua verdadeira comprehensão, reflectindo-se n'essa concordia affectiva de todas as classes. Os que julgavam este povo morto, ficaram espantados por verem que elle ainda se movia por um pensamento, que elle ainda sentia a grandeza do seu passado, que elle ainda era capaz de talhar para si um grande destino.

O assombro levava os mais desalentados á concentração e ás lagrimas, e todos conheciam que eram envolvidos em uma corrente poderosa que não partia d'este ou d'aquelle individuo, mas de uma orientação nova dos espiritos que tinha achado o estimulo natural da actividade de um povo — a tradição da nacionalidade.

Podemos ter soffrido a desmembra-

ção do nosso territorio por allianças perfidas que nos destituiram da importancia de primeira potencia colonial; podemos ter sido ludibriados por uma familia dynastica que se apropriou para radicar os seus privilegios d'essa lucta titanica do cêrco do Porto com que despedaçámos o despotismo; mas é certo que um povo em quanto ama a sua tradição e combate pela sua liberdade é imperecivel, é um organismo activo que ha de affirmar por todas as manifestações complexas da civilisação a sua existencia. O Centenario de Camões foi a prova evidente de que Portugal sentiu o seu grandioso passado, pelo qual era solidario com a civilisação europêa; a Europa inteira tomou uma parte generosa nas festas do jubileu da pequena nacionalidade occidental, e esquecida de nós emquanto soffreu as consequencias das intrigas diplomaticas do equilibrio e das restaurações, lançou sobre Portugal um olhar de sympathia, reconhe-

ceu a nossa extraordinaria iniciativa historica, e viu n'essa convergencia sentimental provocada pela tradição o symptoma claro da nossa autonomia.

Sem o conhecimento da sua historia nenhum povo póde luctar pela liberdade; e uma unica razão nos explica porque é que Portugal desde 1823 perdeu essa liberdade reivindicada pela honrada revolução de 1820, e foi sempre ludibriado pelo constitucionalismo brigantino nas datas affrontosas de 1828, 1842, 1846 e 1847 e ainda a contar de 1851: é porque as gerações que agora se extinguem ignoram profundamente a nossa historia. É esse conhecimento critico do passado que estimúla hoje a expansão das aspirações democraticas, que lhes dá a força de uma opinião, a qual um dia se tornará effectiva restituindo a Portugal a sua soberania, e baseando sobre ella novas instituições.

Para que Portugal reviva é necessario despertar a mais fecunda de todas

as energias — a iniciativa individual, e eliminar por ella a constante intervenção do governo, que funda a sua força no centralismo absorvente, na regulamentação impertinente, e na apathia forçada de toda a boa vontade.

O individuo só por si nada vale contra esse poder organisado do Estado; precisa para garantir a sua acção livre de ligar-se entre si, constituindo esse organismo poderosissimo da Associação, de cuja fórma os governos tiram o seu poder.

A Associação é o meio pelo qual o individuo multiplica a sua força, e é esse o orgão ou o instrumento das iniciativas individuaes; fóra da Associação toda a actividade é improficua e dispersiva, servindo para desacreditar as mais nobres iniciativas sempre envolvidas com os motivos de personalidade.

Foi um grande trabalho, e indispensavel para todo o progresso, o de incutir no espirito publico o principio associativo; essa obra está feita, e de-

ve-se a homens como Vieira da Silva, cuja morte se commemora tambem no dia 10 de junho. Um povo que viveu exposto ás tremendas delações dos processos inquisitoriaes, e que soffreu a espionagem da Intendencia da policia, adquiriu um caracter de desconfiança que torna os individuos inimigos tacitos, em guarda uns contra os outros; era impossivel entenderem-se entre si para reclamarem pela sua segurança e liberdade. Introduzir n'este povo a idéa da Associação, era restituir-lhe a sua confraternidade, era dar-lhe a força para fundar a sua egualdade. Essa obra de agremiação de classes fez-se sem ruido, de um modo lento, seguro, e sob um pensamento economico. Quando a Commissão executiva da Imprensa convidou as Associações existentes em Lisboa para tomarem parte no Cortejo civico triumphal do dia 10 de junho, apresentaram-se os representantes de cento e cincoenta Associações, cuja população se elevava acima de quarenta

mil agremiados. Foi uma revelação maravilhosa da força organisadora que transforma a sociedade portugueza; desde esse momento o centenario de Camões ficou da nação, apesar da repugnancia e dos embaraços officiaes, e o Cortejo civico não se converteu, como o paço esperava, em enterro de bacalhau. A ideia associativa fórma hoje parte dos costumes portuguezes, quer pelo lado economico, philantropico, educativo e recreativo.

O facto do Centenario de Camões veiu determinar uma segunda phase no desenvolvimento do trabalho organico da Associação: esses grupos isolados pelos seus interesses de classes reconhecem-se solidarios na sua acção progressiva, e como factores de uma collectividade, — a Patria — reunem-se para o fim de apreciar-lhe as condições do successivo desenvolvimento social, intellectual e economico. Tal foi o facto que se inaugurou no dia 10 de junho de 1881. O Municipio de Lisboa,

que cooperou com tanta intelligencia e civismo na sumptuosidade do jubileu camoniano, cedeu uma das suas salas para a sessão inaugural do Congresso das Associações. É um facto que o engrandecerá na historia, por isso que comprehende a indole democratica da sua instituição. O governo progressista que pretendia vêr no Centenario de Camões uma phantastica conspiração, ameaçou a commissão executiva da imprensa de que embaraçaria o Congresso; era logico.

Mas as ameaças eram a confissão da impotencia, como as dictaduras são sempre da parte dos governos o symptoma de um estado adynamico. No meio da decomposição politica dos partidos, o Congresso das Associações legaes do paiz deixa a impressão consoladora de uma recomposição espontanea e evolutiva, que pacifica as mais ardentes aspirações.

§. II

O CENTENARIO DE CALDERON

I

A ITALIA celebrou o Centenario de Petrarcha em 1874, a França o de Voltaire em 1878, Portugal o de Camões em 1880, e a Hespanha vae prestar a Calderon a consagração secular, commemorando no dia 25 de maio de 1881 a data da sua morte como a da incorporação d'esse genio na immortalidade humana. É admiravel a concordancia affectiva entre os povos de civilisação latina, que, além da unidade linguistica, tradicional e politica, man-

tiveram pela communhão permanente das suas litteraturas as relações intellectuaes e moraes, que um dia tornadas conscientes, serão o nexo invencivel da grande Confederação do Occidente.

Durante a Edade media a França, pelas canções dos seus trovadores, e pelas gestas dos seus troveiros, fecunda a Italia, a Hespanha e Portugal; por seu turno a Italia, terminado esse periodo rudimentar da litteratura franceza, renova a poesia trobadoresca pelo subjectivismo de Petrarcha, e os fabliaux dos troveiros pelos contos decameronicos dos novellistas Boccacio, Sacchetti e Fiorentino. Na grande corrente da Renascença, em que a civilisação occidental acha o seu verdadeiro impulso inicial na orientação da cultura greco-romana, foi Camões o que fez a synthese do espirito antigo com o moderno, creando a Odyssêa dos tempos pacificos da navegação calculada e do trabalho livre; o poema dos

Lusiadas tornou-se para a Europa a unica epopêa com relações naturaes com o meio social, e em accordo com a mentalidade de uma éra consciente. A Hespanha do seculo XVII influe por via dos seus grandes poetas dramaticos na litteratura franceza, italiana e ingleza, e as melhores obras de Corneille e de Molière, os romances como os de Lesage, e as novellas de cavalleria, dominam o gosto francez, a ponto de, com a simples exploração d'este veio, Puibusque formar um importante trabalho historico sobre a preponderancia do genio hespanhol em França. O espirito critico de Voltaire, apressando a dissolução do regimen catholico-feudal, acordou entre os povos occidentaes essa emancipação philosophica, que substituiu a credualidade pela razão, e a auctoridade pela liberdade individual ; d'aqui provieram todos os movimentos revolucionarios que derrocaram o absolutismo monarchico e a intolerancia religiosa. Em todas as

épocas da sua historia as nações romanicas são solidarias nos seus movimentos, embora a França invadisse a Italia e mais tarde a Hespanha, e esta subjugasse a Italia e Portugal sob Carlos v e Philippe II; os interesses dynasticos passaram, e as bases ethnicas e os elementos naturaes da concordia ficaram. É por isso que para nós é admiravel como na evolução d'estes povos se está operando uma convergencia, primeiramente de ordem affectiva, e em futuro não remoto de interesses politicos e economicos, que, sob a homogeneidade da fórma democratica, constituirão a grande Federação occidental. O Centenario de Calderon em 1881, não é uma imitação, mas uma corrente, uma vibração moral que se propaga: as nações modernas vão desprezando as glorias militares das carnificinas, e abandonando a admiração d'essa alluvião de individuos doentes de nevroses e de idiotia que a Egreja sanctificára no interesse de dar aos crentes alguma coi-

sa que adorar. Todos aquelles que dotaram a humanidade com alguma nova força, por uma invenção, por um ideal, por uma consolação, todos aquelles que coadjuvaram a elevação do nosso sêr moral pelas condições da sua heterogenia psychologica, esses são os symbolos que devem ser lembrados na immortalidade da especie como os estimulos permanentes do conflicto da vida. Os Centenarios são esta nova consagração civica, e uma das fórmas sublimes com que cada povo glorifica os representantes mais eminentes das suas qualidades ethnicas. Um Centenario nacional em Hespanha, em que o genio immanente d'essa forte raça podesse ser representado nas suas multiplices expressões, deveria ter, em primeiro logar, como o symbolo mais legitimo — Cervantes; ou ainda, se se attendesse ao caracter apaixonado, aventuroso, crente, inspirado e ingenuo, a sua condensação completa achar-se-ia na individualidade de Lope de Vega. As

datas historicas d'estes dois extraordinarios vultos não condizem com a urgencia do momento actual; como convinha aproveitar a corrente emocional, e se apresentava o dia 25 de maio de 1881, dois seculos depois que morreu Calderon, o que manteve a supremacia do theatro hespanhol depois da morte de Lope de Vega, foi a Calderon que competiu a apotheose secular. A Hespanha soube corresponder ao genio que durante meio seculo lhe exaltou o enthusiasmo; o Centenario de Calderon foi grandioso, porém temos para nós que acima das pompas importa fazer sobresaír o intuito moral, pôr em evidencia o intimo sentido.

Os factos biographicos da vida de Calderon encerram os elementos para essa deducção; nasce em Madrid, a 17 de janeiro de 1600, e desde os nove annos de edade é entregue á férula d'esses seccos e tremendos pedagogos, os Jesuitas, circumstancia, que, como observa Ticknor « *imprimiu certo sello*

a toda a sua vida e mais especialmente aos seus ultimos annos. » O seculo XVII é o periodo irremediavel da decadencia da Hespanha, decadencia produzida de longe pela confusão do poder espiritual com o temporal, isto é, da Monarchia absoluta que se fortificou com a Inquisição como systema policial, e com os Jesuitas como enviados habilidosos nas intrigas diplomaticas, e argutos moralistas para justificarem a doutrina do assassinato. Carlos V e Philippe II são os representantes d'esta confusão dos poderes, que atrophiaram todas as manifestações da liberdade, do sentimento e da intellectualidade hespanhola. Estas grandes individualidades não se continuaram, e por consequencia o poder concentrado em collectividades como a Companhia e o Santo Officio tomou a supremacia e serviu-se do braço secular de reis insensatos e automaticos para consummarem a obra da cretinisação de um povo. Se o seculo XVI, em que a Hes-

panha toca o auge do seu esplendor, coincide com a unificação catholico-monarchica, esse accidente casual não póde produzir senão uma tresloucada illusão historica, attribuindo-se o facto á alliança dos dois poderes, cuja acção dissolvente é manifesta na decadencia successiva e degradante d'essa vigorosa nação em todo o seculo XVII. O poder exerceu-se em manter uma calculada retrogradação, e a Hespanha foi separada violentamente do movimento europeu; o seculo XVII foi a éra activissima da renovação das sciencias experimentaes. Era um novo poder espiritual que se apossava do mundo; o catholicismo intolerante em Hespanha fecha as fronteiras á sciencia, ou abafa-a como heretica nos carceres inquisitoriaes, ou extingue-a como a herva má no Queimadeiro. Como explicar então a actividade artistica do genio hespanhol? Por essa mesma intolerancia contra a actividade da razão. Da parte das grandes individualidades, não podendo exer-

cer-se nas descobertas da physica ou da astronomia, na applicação da mathematica, na palestra racional das especulações philosophicas, gastavam-se nas emoções sentimentaes, e escreviam novellas picarescas, versos para tertulias e vejamens, romanceros de guapos, comedias de capa e espada e Autos sacramentaes; da parte da nação, como meio social que fecunda as intelligencias, todos os modos de manifestação da opinião publica estavam vedados, e portanto a nação volveu-se para os seus costumes tradicionaes, os colloquios dramaticos de *noche buena* e da procissão de Corpus Christi. O theatro soffreu tremendos ataques dos moralistas catholicos, que na sua boçalidade levaram o braço secular dos reis a decretarem a prohibição d'esses espectaculos profanos, e os magistrados a darem sentenças contra os infractores; mas era tal a força do costume popular, que a litteratura e a arte dramatica venceram, sendo o seculo XVII,

*

em tudo decadente, o periodo de esplendor em que brilham ainda Lope de Vega e Cervantes, Calderon e Tirso de Molina, as grandes constellações da scena hespanhola, e em que os principaes escriptores dramaticos são sacerdotes, catholicos ferrenhos, como Gabriel Telles, Tarraga, Mira de Mescua, Montalvan, o proprio Lope de Vega, e até o exaltado Calderon. Como producto d'esta época deploravel, Calderon apresenta nas manifestações do seu genio todas as aberrações do meio; educado pelos Jesuitas no regimen ôco e banal das humanidades, frequentando a Universidade de Salamanca, onde se revelou escriptor dramatico, os seus Autos tem a emphase rhetorica escholar, e as allegorias e personificações vazias dos exercicios das tragicomedias da Companhia. Da sua primeira composição *El Carro del Cielo*, dos quatorze annos, até ao *Hado y divisa*, escripta aos oitenta e um annos de edade, todos os impetos d'aquella alma

energica estão amesquinhados n'esses moldes, que o pedantismo das escholas corrompera. O movel da actividade litteraria foi o favoritismo da côrte e a devoção popular, explorada pelas festas opulentas das cathedraes. Calderon era natural de Madrid, a capital cesarista, com vida official, com o ruido da côrte, apenas com razão de ser administrativa no systema do centralismo monarchico; era por isso que depois de ter andado nas guerras da Italia e dos Paizes Baixos, e de ir nas tropas do Conde Duque de Olivares contra o levantamento cantonal da Catalunha, a sua vida restante se passou como aggregado do palacio de Philippe IV, successor de Lope de Vega na composição das comedias para os espectaculos da côrte, (1635) e como sacerdote usufruindo uma rica capellania, (1653) enriquecendo com os Autos sacramentaes encommendados pelas cathedraes de Toledo, de Granada e de Sevilha. A sua vida divide-se na aven-

tura de guerra, como se observa na biographia de todos os genios hespaphoes, e na devoção claustral; os ultimos trinta e sete annos da sua vida foram dispendidos n'esta actividade dramatica provocada pelas necessidades espectaculosas da côrte e das cathedraes.

Uma mudança de rei produziu uma alteração na actividade do poeta; com a morte de Philippe IV os espectaculos dramaticos decaíram na côrte, (1665) e Calderon, segundo a phrase dos seus biographos contemporaneos, morreu *sem Mecenas,* sob o governo de Carlos II. Calderon cooperou durante meio seculo em todas as esplendorosas festas monarchicas e catholicas da Hespanha; as suas comedias numerosissimas transmittiram-se sem authenticidade segundo a avidez dos livreiros e dos emprezarios dos *currales.* O que elle foi na vida em acção, é-o nas comedias em enthusiasmo; os seus heroes vivem na hallucinação extrema, e a

sua linguagem, apesar da rhetorica exuberante e gongorica, é exaltada. Calderon é o genio hespanhol submettido ao exclusivismo catholico, de um fervor dogmatisado. Não tem um verso, que não transpire essa prevenção religiosa. Falta-lhe a relação natural entre a imaginação e a crença, que é uma das sublimidades da ingenuidade popular, e o que distingue a idealisação de Dante, que na *Divina Comedia* fez a obra de arte do christianismo.

O que significou, portanto, o Centenario de Calderon? Um estadio na evolução nacional hespanhola — o julgamento de um poder decaído das consciencias, substituido pelo novo poder da Sciencia, que o aprecia na sua opportunidade historica como fonte de emoções que já realisaram o seu destino. O Centenario de Calderon é a synthese de uma época, e como tal um protesto contra as forças que esterilisaram o genio de um povo. Só a humanidade é progressiva, porque os in-

teresses e as emoções passam ; através d'esta parte perecivel da obra de Calderon, a Sciencia descobre o que elle soube sentir da generalidade humana, e o que soube exprimir do genio nacional.

Não é facil organisar um programma fundamental para as festas do Centenario de Calderon ; a sua vida restricta aos espectaculos palacianos, a sua absoluta preoceupação catholica, a época decadente a que pertence, tudo lhe tira o caracter profundo de uma individualidade que symbolisa uma grande nação, tão complexa e fecunda nos seus elementos constitutivos. No emtanto não podemos terminar este rapido trabalho sem deixar as indicações para a grande festa, como a proporiamos se fossemos conterraneo d'esse genio :

I. Representação simultanea em todos os theatros de Madrid, exclusivamente de Comedias de Calderon, sendo escolhidas as seguintes :

a) El Magico prodigioso.
b) Amar despues de la muerte.
c) El medico de su honra.
d) El mayor monstruo de los zelos.
e) La Dama duende.
f) El mayor encanto amor.

II. Instituição de premios decennaes conferidos no dia 25 de maio :

a) A melhor composição dramatica representada n'este periodo.

b) Ao mais importante trabalho critico sobre a Historia do Theatro hespanhol.

c) Ao mais eminente actor.

O producto de todas as recitas dos Autos e Comedias de Calderon constituiria o capital para os premios mencionados.

III. Festas, Dansas e Jogos populares da peninsula organisados de modo que se conheçam as Origens nacionaes do Theatro hespanhol, bem como os caracteres ethnicos dos Estados que formam a unificação politica actual.

IV. Espectaculo musical no estylo

do seculo XVII, tomando para letra *La purpura y la rosa*, de Calderon, da qual diz o poeta: « La Comedia debe ser cantada...» No fim da opera seria coroado o busto de Calderon.

V. Conferencias litterarias em todas as Academias sobre a vida social e politica hespanhola no seculo XVII, e sobre a acção de Calderon na litteratura dramatica. Simular-se-ha um Certamen academico do seculo XVII.

VI. Exposição de todos os objectos que constituem a archeologia theatral, especialmente na Hespanha no seculo XVII, monumentos da Arte e da sumptuaria nacional; retratos historicos de todos os personagens amigos de Calderon e dos poetas seus contemporaneos.

VII. Grande préstito civico á sepultura de Calderon, distinguindo-se cada provincia por deputações, caracterisadas pelas suas differenças de costumes.

VIII. Publicação de uma *Bibliographia critica* de todas as Comedias e

Autos de Calderon, contendo a indicação das:

a) Fontes tradicionaes e litterarias.

b) Fontes historicas.

c) As traducções e imitações estrangeiras.

IX. Instituição de um Circulo-Calderon, destinado a realisar uma recensão critica do texto do Theatro de Calderon, fundamentar a sua authenticidade integral, commentar historica e archeologicamente cada composição, e emprehender a edição definitiva das Obras do poeta. Os trabalhos do Circulo-Calderon seriam publicados no dia 25 de maio de cada anno.

X. Medalha commemorativa do Centenario de Calderon, por concurso aberto entre artistas hespanhoes. Outra medalha do Centenario por concurso entre artistas do occidente europeu, da França, Italia e Portugal, como symbolo da Federação latina.

II

A Hespanha das festas monarchicas, e das canonisações religiosas, assignalou tambem uma transformação na sua vida sentimental, celebrando com uma pompa inexcedivel o Centenario do seu fecundissimo poeta dramatico Calderon de la Barca. Uma nação generosa, que, pela alliança do catholicismo com a monarchia, decaíu desde o fim do seculo XVI do seu proeminente logar na historia da civilisação, começa hoje pela vulgarisação do espirito scientifico a tomar consciencia do seu passado, a processar essas duas instituições mortas, que lhe substituiram os nobres sentimentos da admiração pela bajulação servil, e a crença impulsiva pelo fanatismo apathico, intolerante e obcecado. As festas populares aos fakires egoistas que pensaram na sua propria bemaventurança, e as

paradas e os arcos triumphaes com que os reis se impunham pelo deslumbramento pharaónico, começam a ser substituidas pelas consagrações civicas aos grandes representantes do espirito nacional, aos propugnadores da solidariedade humana, aos emancipadores da intelligencia, aos inventores, aos consoladores, aos apostolos do verdadeiro, do justo e do bello, a Spinosa, a Rubens, a Petrarcha, a Voltaire, a Camões, a Calderon de la Barca. Tal é o espirito das manifestações modernas dos Centenarios na Europa. Os povos precisam de uma convergencia sentimental como primeira base para o accordo das opiniões; onde procural-a? Na sua tradição, e no seu destino historico. Foi o que elles acharam com um instincto superior a todos os esforços philosophicos. A unidade dos povos da Europa meridional, que durante a Edade-media fundaram a civilisação do Occidente, como se viu pelos dialectos ro-

manicos, pelas fórmas do direito, pela organisação social, pela architectura gothica, pela poesia provençal, pelo theatro hieratico, pela cruzada contra a invasão semitica, pelas revoluções communaes, pelo advento do terceiro estado, pelas epopêas frankas, pelas expedições maritimas, pela cultura humanista, todos estes laços que as monarchias e o catholicismo fizeram esquecer pelos interesses dynasticos e pelo canonismo romano, começam hoje a reatar-se na consciencia dos povos, como o esboço espontaneo da Federação latina. O Centenario de Petrarcha em Italia, o de Voltaire em Franca, o de Camões em Portugal, e o de Calderon em Hespanha, são o effeito d'esta corrente que está renovando a solidariedade moral do Occidente, apagada pelo esforços com que essas duas instituições resistiram á inevitavel dissolução do regimen catholico-feudal. É por isso que os Centenarios são a expressão clara de um espi-

rito novo que dirige as sociedades, — a *Sciencia*, que nos emancipa dos dogmas atrazados, e a *Democracia*, que nos liberta dos privilegios pessoaes de uma auctoridade tradicional, que degrada.

A festa do Centenario de Calderon é um phenomeno extraordinario para a Hespanha; essa nação, que mais do que nenhuma outra, soffreu uma calculada retrogradação catholica e as tropelias dos arbitrios monarchicos, que a tornaram pobre, desacreditada e miseravel, resurge ao influxo do novo espirito, e retoma o seu logar de honra na solidariedade occidental. Que importa que a realeza se intromettesse na festa nacional; que o clericalismo se misturasse nas manifestações esplendidas da unanimidade sentimental da Hespanha? Revela isso apenas a ultima tentativa para angariarem a popularidade que lhes foge, para mascararem a situação nova das consciencias em que se sentem extranhos. A força

da evolução pôde mais que todos os premeditados systemas de obscurantismo ; aquelle povo que foi durante tres seculos brutificado com os espectaculos canibaes dos Autos de Fé, e com o Queimadeiro do Santo Officio, que aprendeu a venerar os reis pelos afagos do garrote, sacóde esse pezadelo do passado, e celebra a unidade do genio hespanhol, tomando como divisa n'esta effusão sublime o nome glorioso de Calderon.

A Hespanha comprehendeu a nova fórma da sua unidade moral ; ao passo que as liberdades locaes forem reivindicadas, que a tradição dos antigos Estados livres receber a fórma racional e prática da federação ; que se fôr quebrando as peias violentas do centralismo monarchico, que matou o vigor e fez a decadencia dos povos peninsulares, a Hespanha procurará uma outra base para restabelecer a synthese da sua unidade : achal-a-ha na sua tradição heroica, artistica, scientifica e

litteraria, porque lhe não faltam factos significativos e nomes gloriosos que liguem em uma mesma unanimidade os povos livres, que se reconhecem solidarios na obra da civilisação.

Bem auguramos do futuro da Hespanha, vendo-a celebrar o Centenario de Calderon; porque o dia 25 de maio de 1881 ficará como a iniciação dos novos poderes da *Sciencia* e da *Democracia*, que restituirão a esse povo o seu logar na historia.

§. III

O CENTENARIO DE VOLTAIRE

Conferencia publica para celebrar o primeiro Centenario de Voltaire, no Gremio Operario de Lisboa, em 30 de maio de 1878.

Á MEDIDA que as sociedades modernas se vão emancipando pela cultura scientifica do culto dos velhos fetiches e das crenças espontaneas em mythos tradicionaes, conservados á custa de violencias e de obscurantismo systematico por instituições que se vão lentamente extinguindo, como todo o orgão inutil que se atrophia, as sociedades, que conhecem quanto devem á

*

sciencia, substituem esses cultos sem sentido pelas grandes commemoraçõe civicas d'aquelles homens que pelo seu poder creador fizeram sentir a solidariedade humana, dotando a humanidade com noções positivas e com invenções, que subordinam á nossa liberdade a fatalidade do meio cosmico, ou com manifestações sentimentaes e altruistas que elevam o homem acima da animalidade. A estes bemfeitores da nossa especie chamou a linguagem vulgar os *Grandes Homens*, e de ordinario as commemorações civicas celebradas no dia da sua morte, isto é, quando entraram na immortalidade da memoria humana, vêm provocar o exame da acção da individualidade, acção que só é verdadeiramente apreciavel ao fim de um seculo, tempo bastante para que uma ideia positiva possa converter-se em uma opinião social. Os centenarios de Spinosa, de Miguel Angelo, de Petrarcha, de Cervantes, e de outros grandes homens, significam es-

ta tendencia nova das sociedades modernas em tomarem como ideal das suas manifestações sentimentaes a concepção do homen collectivo ou a Humanidade. Faz hoje cem annos que Voltaire entrou no tribunal da historia; a sua longa vida foi um combate, e essa longevidade não deixou de exercer uma certa influencia na efficacia das suas ideias. Collocado entre dois mundos, o velho cesarismo de Luiz XIV, que se dissolvia pela esterilidade do poder e pela perversão das ideias moraes, e entre a Revolução de 1789, que transluzia na consciencia publica que se ia elevando gradualmente até ao grande dia do protesto, Voltaire representa a synthese do espirito francez n'essa tenebrosa época de transição: o seu nome, o *Voltairianismo*, significou por muito tempo a acção de uma critica negativa, de um scepticismo racional, de bom senso de intelligencia saudavel, de uma incredulidade systematica contra as superstições ex-

ploradas pelo clero, finalmente era a expressão de um sorriso malicioso, que emancipou mais consciencias do que muitas demonstrações dos encyclopedistas. Mas a influencia de Voltaire na marcha do progresso humano não é simplesmente *negativa*; ainda assim, bastava elle ter feito a separação entre a causa da realeza e a do clericalismo para poder-se-lhe attribuir uma acção constructiva na transformação operada pelos reis philosophos no meado do seculo XVIII, d'onde resultou a queda do jesuitismo, e a supremacia do estado civil Á acção negativa, provocada pelo meio social em que se desenvolveu, deve-se ajuntar a acção positiva, e que o caracterisa com a condição superior do homem de genio — a bondade. No meio das mais difficeis luctas contra a insolencia de uma aristocracia fóra da lei e fortificada nos privilegios, no meio dos arbitrios da realeza e dos perigos de uma penalidade monstruosa e selvagem,

em conflicto entre miseraveis cabalas de litteratos mediocres, foragido, ou preso, insultado ou glorificado, Voltaire deveu a um instincto de *bondade* natural as suas mais bellas suggestões de reformas politicas, os mais generosos pensamentos philosophicos, a inspiração litteraria, emfim a sua acção heroica defendendo os desgraçados da imbecilidade cruel dos juizes de provincia, ou creando os meios de trabalho em colonias industriaes. O genio é a bondade; é esta a sua caracteristica essencial; porque, sendo o genio uma desegualdade psychologica, é a unica desegualdade social que se não faz sentir por um egoismo odioso, antes inspirada por um altruismo instinctivo dota a sociedade com as noções e com os meios para que se caminhe para uma egualdade consciente. O ministro que dispõe da auctoridade e das riquezas de uma nação, o banqueiro que opéra com grossos capitaes, o que se arreia com pergami-

nhos nobiliarchicos, todos os que julgam em si qualquer superioridade fazem sentir duramente aos outros homens a distancia que os separa d'elles; só a unica desegualdade legitima, a do talento, é que se não impõe, antes procura identificar-se com aquelles com quem communica. Voltaire conheceu esta profunda caracteristica do genio quando disse em uma fórma concisa: « Ninguem ha digno do nome de grande homem que não seja uma boa alma. » É esse lado bondoso do genio que torna insensivel essa desegualdade organica na humanidade; e por isso, sejam quaes forem as descobertas, as invenções, as ideias que os homens de genio lançam no logradouro commum, elles serão sempre bem definidos com o epitheto — os consoladores, — como synthese da sua acção.

As particularidades biographicas dos grandes homens têm a importancia de nos explicarem o condicionalismo em que se desenvolveu a sua natureza de

excepção; o estudo das biographias será um dia, como o pressente o physiologista Maudslay, um dos mais preciosos subsidios para a constituição da psychologia positiva. A individualidade tão complexa de Voltaire póde explicar-se em grande parte pela mesologia social; nascido em 1694, elle trouxe a orientação da curiosidade scientifica, que tanto caracterisa o seculo XVII; filho do antigo notario Francisco Arouet, conservou sempre essa indole demandista, e embora não podesse submetter-se á prática de escriptorio judicial, nem por isso deixou de debater-se nos tribunaes no processo contra Beauregard, e na rehabilitação heroica da memoria de Calas e de Sirven; tendo nascido de uma extrema debilidade, e perdendo sua mãe em tenra edade, elle conservou até ao fim da vida um estado valetudinario, que o tornou essencialmente nervoso, irritavel e um tanto egoista; afilhado do abbade de Châteauneuf, « a quem se

attribuia um parentesco mais intimo, » deveu a esse padrinho a iniciação da vida sensual das grandes damas litteratas e a protecção de Ninon de Lenclos; seu pae detestava a sua tendencia para a poesia, e como bom burguez receiando do futuro do filho, pretendia crear-lhe uma posição lucrativa na magistratura; vendo que o seu outro filho Armand Arouet seguia as doutrinas religiosas dos jansenitas e escrevia collecções de milagres dos Convulsionarios, costumava dizer com o sarcasmo auctoritario, que tinha dois filhos tolos, um em prosa e o outro em verso. Descendente de uma geração burgueza, Voltaire comprehendeu muito cedo que o merecimento pessoal devia fundar-se não nas distincções exteriores mas nas differenças da superioridade moral; dizia elle: « Temer ou respeitar o corpo e seus accessorios, força, belleza, realeza, ministerio, generalato, é pura tolice. Os homens nascem eguaes e morrem eguaes.

Respeitemos a virtude e o merito das almas, e desprezemo-lhes as imperfeições. Por prudencia evitaremos o mal que nos póde fazer esta potencia physica, como nos acautelaremos de um touro coroado, de um macaco enthronisado, ou de um mastim açulado contra nós. Ponhamo-nos em guarda; procuremos até, se é possivel, moderal-os, adoçal-os. Mas que este sentimento seja bem differente da estima e do respeito que só devemos ter ás almas. É com esta maneira de pensar que nós podemos vir a ser grandes homens, d'outra sorte tornar-nos-hemos miseraveis e pequenos. » Esta profunda noção moral derrama uma nova luz sobre a vida de Voltaire; o lado que hoje tanto nos repugna na sua actividade, a bajulação á realeza, ás cortezãs devassas, aos nobres corruptos, a lisonja aos abbades licenciosos e aos magistrados venaes, emfim, a todos aquelles que pelo seu favoritismo dispunham das cartas de prégo e da eli-

minação de um homem pela reclusão na Bastilha, do confisco real e do desterro, este lado apparentemente negativo, era o meio de capear esse touro coroado da monarchia, esse macaco enthronisado do clericalismo, esses mastins açulados da aristocracia, que esgotavam a França e a conduziram á Revolução. Póde-se accusar Voltaire com phrases rhetoricas de uma moral abstracta, mas basta a descripção d'esse meio social dissolvente do Antigo Regimen, em que elle viveu, para conhecer que Voltaire descobriu o unico caminho para exercer uma acção efficaz sobre o seu tempo. Mais profundamente bondoso era o celebre Abbade de Sam Pedro, posto fóra da Academia franceza por dizer que Luiz XIV não merecia o epitheto de grande; ninguem teve theorias mais generosas do que o Abbade de Sam Pedro, e só pela impunidade do ridiculo que sobre elle descarregaram os seus contemporaneos, é que escapou no meio de mil

perseguições do assassinato que acompanha os iniciadores da liberdade; o Abbade de Sam Pedro proclamou a necessidade da discussão publica dos negocios do Estado, o exercicio da auctoridade por meio de conselhos electivos, condemnou como um resto de barbarie o uso da espada pelos cavalleiros e dos duellos como garantia da honra; insurgiu-se contra o celibato dos padres, contra o abuso dos votos monasticos, contra a fórma hereditaria da nobreza, contra a complicação dos processos judiciarios, contra a intolerancia religiosa, contra a esterilidade das academias e dos sermões. Todas essas generosas aspirações da dignidade humana foram improficuas, e para os grandes devassos da época não passaram de sonhos de um homem de bem, como lhes chamava o dissoluto cardeal Dubois; em quanto a Europa admirava a coragem e a superioridade moral do Abbade de Sam Pedro, a França clerical e aristocratica

ria-se d'elle e não o abafava na Bastilha para lhe não dar importancia. Tal seria a sorte de Voltaire se elle não captasse as boas graças do touro coroado, do macaco enthronisado e dos mastins açulados de Luiz XV, de Frederico II, do cardeal Dubois, do cardeal Fleury, ou do cavalleiro de Roham, symbolo da aristocracia irresponsavel, e de tantos outros typos poderosos que se lhe põem diante do caminho da sua vida. No meio de tanta torpeza, de tanto abuso tradicional, de tanta injustiça das instituições, de tanta accumulação de vicios do velho empirismo politico, Voltaire evita os conflictos da força bruta, e procura o fundamento verdadeiro da superioridade, *a perfeição moral*. Foi a prosecução d'este fim que o tornou grande-homem, apesar de todos os seus defeitos pessoaes. O Marquez d'Argenson, seu condiscipulo no collegio, e que o soube tão bem conhecer, fallando nas nas suas Memorias d'este

criterio moral, escreve: «Voltaire quasi que não escreveu obra alguma em prosa, poema, tragedia em que não vulgarisasse este pensamento...» [1] Como o Abbade de Sam Pedro, mas fazendo-se amar e temer, Voltaire tambem communicou nos seus escriptos as mais generosas aspirações; elle pede a abolição dos conventos, dos dizimos, das festas supersticiosas do catholicismo, e a creação do registo civil; pede a reforma das instituições politicas, que as Revoluções de 1789 e de 1848 vieram realisar; pede a extincção da venalidade dos cargos da magistratura e mostra a necessidade da instituição do jury; quer a justa distribuição do imposto e o desenvolvimento dos municipios, a egualdade de direitos, e a reforma dos antigos codigos; pede a fundação de asylos para crianças e velhos, a creação de caixas economicas, juizes de conciliação e

1 *Mem. du Marquis d'Argenson*, p. 445.

justiça gratuita, abolição da tortura, publicidade dos processos, instrucção gratuita, validade dos casamentos protestantes! Mas as suas palavras não puderam ser abafadas pelo ridiculo, porque elle se tornou forte por esse lado por onde todos são vulneraveis; e se as suas palavras tiveram ecco na consciencia humana, é porque Voltaire se soube fazer respeitar pondo os poderosos do seu lado, e creando como salvaguarda da sua independencia intellectual fortes amizades e uma riqueza pecuniaria, que o tirou d'essa subserviencia lamentavel em que viviam os homens de lettras, como Lafontaine, Boileau e todos os outros, admittidos por caridade como commensaes á mesa dos grandes.

Nos ultimos annos do reinado de Luiz XIV o despotismo cesarista degenerou na intolerancia do beaterio; a perseguição dos solitarios do Port Royal significou o triumpho dos Jesuitas, que se apoderaram do monar-

cha e da sua devota concubina. O ensino publico estava completamente entregue aos Jesuitas, e a nobreza confiava-lhes como uma verdadeira distincção senhorial a educação dos seus filhos. Com o receio de que o joven Arouet saísse um jansenista hallucinado, como seu irmão Armand, o velho pae entregou o que veiu a ser Voltaire á direcção dos Jesuitas, entrando para o collegio de Louis-le-Grand aos dez annos de edade. Ali passou os sete annos de educação collegial dispendidos no mais esteril humanismo, mas adquiriu essa faculdade de se adaptar ás circumstancias, essa tenacidade de caracter posta ao serviço de uma ideia, e mais do que tudo o contacto com a geração aristocratica d'onde saíram os ministros que o protegeram. Uma das fontes da grande riqueza de Voltaire consistiu na arrematação dos fornecimentos militares, que com elle contractava o Marquez d'Argenson, ministro da guerra e seu antigo condisci-

pulo no collegio dos Jesuitas. Durante a severa disciplina collegial, o joven Arouet fez versos, tragedias e todos os rançosos exercicios dos Padres Le Jay e Porée; mas ao saír d'esses estudos vinha completamente ignorante de tudo o que competia a um homem saber: diz elle na sua linguagem sarcastica, mas cheia de bom senso: « eu não conhecia, nem as leis principaes, nem os interesses da minha patria; nem uma palavra de mathematica, nem uma palavra de sam philosophia; *eu sabia latim e baboseiras.* » Nos paizes onde a educação jesuitica se perpetuou, como em Portugal desde 1545 até á reforma do Marquez de Pombal, mas persistindo sempre o seu espirito tradicional de humanismo como ainda actualmente, é que se póde observar bem os effeitos do atrazo intellectual por falta de ensino fundado em noções scientificas. Se Voltaire se limitasse a emparelhar alexandrinos para as suas tragedias e epistolas, para odes e poe-

mas didacticos, ter-se-hia afundado no esquecimento como todos esses abbades metrificadores do seculo XVIII; mas o que lhe deu força foi a nova educação que se deu a si mesmo pelas viagens na Hollanda e na Inglaterra, pelo conhecimento das descobertas de Newton e pelo estudo geral da historia da humanidade. Achou-se com um destino na sua vida; sem o estimulo da sciencia, que o tornou um apostolo fervente da liberdade e da dignidade humana, nunca teria saído d'esses grupos devassos como a *Société du Temple*, dispendendo o talento nas patuscadas dos principes, e nas aventuras amorosas como a da Du Noyer. Resistindo á vontade do pae que o destinava á magistratura judicial, teve de acceitar a partida para a Hollanda como secretario do embaixador o marquez de Châteauneuf, e embora se demorasse aí pouco tempo não foi sem efficacia no seu futuro a permanencia n'esse paiz industrial, n'essa patria da

*

liberdade de consciencia. Envolvido na responsabilidade de satyras anonymas contra o incesto de Luiz xv, deserdado por seu pae, o joven d'Arouet foi clausurado na Bastilha a 17 de Maio de 1717. Assim como a prisão acordou o genio e a eloquencia revolucionaria de Mirabeau, quando o joven metrificador da Sociedade do Templo saíu da Bastilha a 10 de Abril de 1718, havia-se tambem operado uma transformação no seu espirito; abandonou tudo o que pertencia ao joven Arouet e adoptou o nome de Voltaire: «Bastante desgraçado com o primeiro nome, quero ver se com este agora me vae melhor.» E foi com o nome de Voltaire que ficou na historia.

A Hollanda, que soube manter a sua liberdade contra a ambição da Casa de Austria, e os seus recursos industriaes contra um territorio pantanoso e invadido pelo mar, foi desde o seculo xvi o refugio de todos os perseguidos: com o asylo dado aos judeus portuguezes

expulsos pelo fanatismo boçal de D. Manuel, desenvolveu o seu poder financeiro e tornou-se uma potencia colonial; com a liberdade garantida aos pensadores perseguidos pelo intolerantismo catholico, cabe á Hollanda a gloria de ter contribuido para o progresso da humanidade com uma actividade superior da razão, que essa republica soube apropriar a si. Tendo resistido contra a Hespanha, e triumphado pela consciencia da sua liberdade, resistiu energicamente contra o despotismo de Luiz XIV, e foi ali que os principaes pensadores do seculo XVII prepararam a grande elaboração philosophica e critica continuada pelos Encyclopedistas; a França livre existia na Hollanda, com os refugiados da revocação do Edito de Nantes. Sem esse asylo da heroica republica, nem Descartes, nem Bayle, nem Jurieu saberiam o que era a liberdade do pensamento. Em uma carta ao Marquez de Crequi escreve Saint-Evremont, da vida na Hollanda:

« Depois de ter vivido contrafeito nas côrtes, consolo-me em acabar a vida na liberdade de uma republica, onde, se nada tenho a esperar, ao menos nada tenho que temer...» Em uma carta do grande Descartes a Balzac, descrevendo-lhe o encanto da vida na Hollanda, conclue: «Sabeis vós de um outro paiz onde se possa gosar de uma liberdade tão inteira, onde se possa dormir com menos receio, onde ha exercitos para defeza, onde os envenenamentos, as traições, as calumnias sejam menos conhecidas, e onde mais se tenha conservado um resto da innocencia de nossos avós?» Era n'este meio social, activo pelo trabalho industrial, e seguro pela liberdade, que floresciam as universidades e academias scientificas, em Leyde, em Franekar, Utrecht, e Groningue, e onde resplandeciam os grandes eruditos, como Heinsius, Barlaeus, Vossius, e Sommaise, chamado o principe dos commentadores. Antes da revocação do

Edito de Nantes, quando Luiz XIV mandou fechar a Academia de Sedan, em 1681, os dois professores Bayle e Jurieu, refugiaram-se em Rotterdam, na patria de Erasmo, onde encontraram asylo e recursos para a sua independencia philosophica; quando se deu em 1685 a emigração forçada pelo acto iniquo da Revocação, os protestantes industriaes levaram os seus recursos e aptidões para Inglaterra e para a Prussia, os maritimos e militares offereceram-se tambem á Inglaterra e Provincias Unidas; os que discutiam com fervor nas controversias religiosas refugiaram-se em Genebra e nos cantões da Suissa, passando sobre tudo os escriptores e philosophos para a Hollanda. [1]

As viagens de Voltaire á Hollanda e Inglaterra, as suas residencias na Prussia, a sua permanencia em Fer-

[1] Sayous, *Hist. de la Litterature française à l'étranger*, I, p. 220.

ney, em propriedades situadas em duas republicas e dois reinos, França, Saboya, Genebra e Suissa, revelaram-lhe essas dolorosas tradições dos emigrados francezes pela causa da liberdade de consciencia, esses grandes nomes dos livres pensadores do fim do seculo XVII! Como é que Voltaire não havia de ser o defensor da humanidade ultrajada pela religião, como é que não havia de reclamar mais piedade nos processos da justiça, mais liberdade para os trabalhos da intelligencia! O enthusiasmo sublime pela rehabilitação da memoria de Calas foi para Voltaire como que a communicação com as agonias d'essa terrivel época de violencias.

No meio do favoritismo do seculo XVIII com que cada um por via das mulheres ou por degradações pessoaes conseguia usar em seu beneficio uma parcella da auctoridade despotica, Voltaire comprehendeu a onda que conduzia á fortuna; elle fortaleceu-se com

a amizade das damas, e embora dispendesse uma parte da actividade nas ligações faceis de Corsembleu, de Livri, da presidenta Bernières, e mais tarde da Marqueza Du Chatelet, elle adquiriu por via d'ellas a graça e soltura de dicção, que é um dos seus poderes. As ligações com as grandes damas do seculo XVIII exerceram uma fecunda influencia no espirito francez, analoga ás manifestações da civilisação atheniense motivada pela sociabilidade das hetaïras. A primeira composição em que Voltaire manifesta a sua emancipação de consciencia é a bella *Epistola a Urania,* escripta para Madame de Rupelmonde.

Um accidente desagradavel, o conflicto com Beauregard, revelou-lhe a monstruosidade da organisação da justiça da monarchia absoluta, e vendo-se atropellado na sua defeza pelos privilegios e arbitrios senhoriaes, n'esse mesmo anno de 1722 volta á Hollanda, e aí recebe essa profunda lição de

um povo livre, que lhe faz exclamar: «Aqui não se vê ninguem que tenha de bajular, ninguem se move para vêr passar um principe; não se conhece senão o trabalho e a industria.» Já o profundo Hume, combatendo o preconceito dos que fundam o governo sobre o medo e a repressão dos povos, demonstrava que a liberdade é a maior garantia da liberdade, exemplificando-o com a Hollanda e com a Inglaterra; ninguem imaginava, diz Hume em um dos seus Ensaios, que diversas religiões podessem subsistir harmonicamente sobre o mesmo territorio, e a Hollanda realisando pela liberdade de consciencia esta harmonia tirou d'essa liberdade a sua força; o mesmo acontece com a liberdade politica em Inglaterra, onde a discussão dos negocios publicos em um parlamento electivo esclarece os governos ao passo que lhe dá um grande poder de iniciativa e de acção. Não foi para Voltaire um accidente fortuito a sua estada em

Amsterdam; esse exemplo communicou-lhe a emancipação da consciencia. Foi n'esse mesmo anno de 1722, que regressando a França teve a fortuna de se relacionar com esse extraordinario espirito, então fugitivo da sua patria, lord Bolingbroke, que quatro annos depois lhe offereceu um asylo em Inglaterra. A viagem de Inglaterra em 1726, e a sua permanencia alli até 1729 acabaram de dar a Voltaire a assombrosa tempera da sua individualidade. Para saber quem era Bolingbroke e qual seria a sua influencia sobre o genio de Voltaire, basta caracterisal-o como o precursor dos Encyclopedistas, e como o fundador do *Club de l'Entresol*, onde se discutiram com a mais absoluta liberdade intellectual ou philosophica todos os assumptos da politica, da religião e da historia. Bolingbroke considerava os livros da Biblia sem veracidade historica, apenas como productos da imaginação judaica, como o D. Quixote, a religião revelada era

um simples absurdo, a immortalidade um sonho vão, e a providencia individual coisa nenhuma. As polemicas e as condemnações passaram sobre estes problemas negativos, mas novas sciencias se formaram, como a sciencia comparativa das religiões, como as descobertas archeologicas dos egyptologos e assyriologos, como a psychologia physiologica, como a physica dynamica, e aquillo que repugnava pela sua fórma categorica, considera-se hoje como o mais poderoso estimulo das descobertas racionaes. Bolingbroke, que exercia um grande perstigio pelo esplendor da exposição oral e pela vivacidade de um estylo cheio de metaphoras, assim como influiu sobre o genio de Swift e de Pope, não podia deixar de impressionar profundamente Voltaire.

Um novo conflicto em 1725 com o cavalheiro de Rohan, filho segundo do duque de Rohan-Chabot, a impunidade do aristocrata, e a prisão de Vol-

taire outra vez na Bastilha quando procurava desforçar-se, acabaram de revelar-lhe a monstruosidade social do antigo regimen, a situação falsa e desprezivel do homem de lettras em uma sociedade de direitos herdados, e lembrando-se da solidão como um refugio, acceita o convite de Bolingbroke e parte para Inglaterra. O que a Hollanda fazia com a liberdade de consciencia, a Inglaterra continuava essa acção transformadora por meio da liberdade politica; se Erasmo, Descartes e Spinosa acharam na Hollanda condições para exercerem o livre pensamento, na Inglaterra Voltaire e Montesquieu foram encontrar as bases para provocarem as reformas politicas modernas. Montesquieu demorou-se dois annos em Inglaterra, em contacto com lord Chesterfield; Voltaire viveu uma vida quasi ignorada durante tres annos, ouvindo os rasgos de audacia mental de Bolingbroke, ouvindo as ironias poderosas de Swift, e obser-

vando em Pope o processo artistico da vulgarisação das noções philosophicas. Desde 1724 que funccionava em Paris o *Club de l'Entresol*, onde Bolingbroke lançára a primeira faisca da actividade intellectual; agora restituido á patria na sua bella vivenda de Dawley agrupava em volta de si os poetas, os artistas, inspirando-os com a novidade dos pensamentos, como acontecia com Pope a quem sugeriu a *Oração universal*. Voltaire aprendeu n'esse meio a ter confiança na propria dignidade; a pompa do grande funeral de Newton, levado magestaticamente para Westminster, a elevação do escriptor Addisson ao ministerio, a nomeação de Prior para uma embaixada importante, Swift, o auctor das *Viagens de Gulliver*, considerado como o lider de um partido politico, tudo lhe revelava a alta missão do escriptor, que em França pelo regimen das distincções hereditarias não passava de um desgraçado a quem os nobres senhores dispensa-

vam os seus jantares e as suas chicotadas. Voltaire comprehendeu que era do lado da intelligencia que estava a força, o novo poder espiritual destinado a governar o mundo na fórma de Sciencia. Quando Voltaire regressou a Paris em 1729, trazia comsigo uma mais vigorosa consciencia, e um conhecimento mais directo do modo de empregar a sua força demolidora; o theatro, o conto, a carta, a polemica, a conversação, tudo lhe servia para o combate contra um passado immovel que esterilisava o presente; elle tornou-se o centro para onde convergiram as novas forças que se empenhavam n'essa lucta.

A viagem de Inglaterra foi um dos successos mais fecundos da vida de Voltaire; ali tomou conhecimento da philosophia de Locke, que o tornou o vulgarisador da razão humana; ali conheceu os trabalhos scientificos de Newton, que lhe fizeram presentir a concepção dynamica do universo; co-

nheceu as tragedias de Shakspeare, que o dominaram pela impressão da realidade, e que elle revelou á França, escrevendo tambem essas tragedias philosophicas como *Zaira*, *Brutus* e *Mahomet*, que espalharam por toda a Europa as doutrinas da tolerancia e de humanidade. Comprehende-se este poder de assimilação e a faculdade de pôr todos esses elementos em acção, quando Voltaire explicava o motivo da sua universalidade: «É preciso fazer entrar no nosso sêr todos os modos imaginaveis, abrir todas as portas da sua alma a todos os sentimentos; etc.» Tal era a fórma superior em que se manifestava a vida n'aquella organisação tão resistente, tão receptiva e tão suggestiva; a sua finalidade resumia-se n'essa phrase conhecida: «Quero instruir-me e amar-vos.» Eis o grande fim da civilisação; a religião e a justiça foram crueis, as leis expoliadoras e os costumes dissolutos, porque a ignorancia era geral; Voltaire começou

por appellar para o bom senso, restabelecer a auctoridade da razão, explicar pela sciencia, fazer sentir a humanidade, e por este processo minou o clericalismo fanatico, feriu o cesarismo esterilisador, e presentiu as grandes transformações sociaes iniciadas pela Revolução. Na segunda metade do seculo XVIII começa o trabalho da instrucção, a vulgarisação encyclopedica, completam-se as mathematicas, desenvolve-se a physica experimental, cria-se a chimica, e Vic-d'Azyr inaugura o criterio comparativo como base da biologia. Quantas superstições immemoriaes cahiram para sempre diante das simples noções scientificas! O amor foi a consequencia da instrucção; o conhecimento da pathologia leva o sublime Esquirol a tratar os doidos como doentes, abolindo os carceres, os grilhões e os açoutes usados pelos antigos empiristas. É assim que pela cultura scientifica, alargando-se a verdadeira comprehensão da solidariedade

humana, a fraternidade proclamada pela Revolução se ha de tornar o fim consciente das sociedades humanas.

O livro que então fazia mais temido Voltaire era o poema da *Henriada*; este poema pautado pelos moldes virgilianos e soffrivelmente monotono e quasi illegivel hoje, tinha um grande poder, evocava do passado a memoria de um rei popular, Henrique IV, um heroe protestante, e insensivelmente minava a ruina d'esse ideal falso e corruptor do typo de Luiz XIV pelo confronto dos dois monarchas. Assim se destruia a influencia da falsa grandeza do cesarismo, e esta modificação das noções vulgares não foi sem alguma parte de acção n'esse acto de justiça popular no dia em que a multidão lançou ao monturo a ossada de Luiz XIV. Voltaire trabalhou nos primeiros cantos da *Henriada* durante a sua primeira prisão da Bastilha; trabalhava no poema na occasião do primeiro encontro com Bolingbroke, e retocou-o du-

rante o refugio em Inglaterra, onde lhe deu publicidade. Luiz XV não quiz acceitar a dedicatoria da *Henriada* por celebrar um heroe protestante, mas a França leu o poema subrepticiamente, e, segundo a phrase justa de Michelet, um dia veiu a esquecer o poema mas ficou vivo o heroe como typo ideal para se poder julgar os reis. Os symbolos mal comprehendidos corrompem a natureza humana, e Luiz XIV com o seu despotismo absorvente, com o intolerantismo canibalesco, com a falsa pompa e corrupção da arte e da litteratura occupadas na sua glorificação, era um modelo para perpetuar no mundo a fórma a mais odiosa da auctoridade. A *Henriada* substituiu na imaginação popular um typo *humano* a um glorificado Molok. As perseguições religiosas continuavam com vertigem, como espectaculos de pompa real, e a barbaridade das fogueiras contra os hereticos, da degolação e da proscripção em massa eram communs

*

a todos os paizes da Europa. Em Portugal queimava-se esse infeliz Antonio José, o homem que mais fez rir no theatro do Bairro Alto os nossos avós atrabiliarios. Em Hespanha, sob Philippe v, estava em vigor o queimadeiro; e a consciencia humana, esgotada pela lamentação automatica da paixão de Christo, perdia a noção do sentimento altruista, não sentia humanidade. Foi esta a sublime missão de Voltaire: prégou a *humanisação* do homem para o seu semelhante; e emquanto doze annos antes Bossuet, Fénelon e Madame de Sevigné não tinham uma palavra de piedade para os protestantes proscriptos, e consideravam os torturados como fóra da especie, agora a *Henriada,* stigmatisando os fanaticos da noite de S. Bartholomeu, encontrava nos corações um eco de piedade que o secundava e lhe deu força para proseguir n'esse caminho rehabilitando a memoria de Calas, salvando Sirven, defendendo Estonvil-

le. [1] A vulgarisação do livro de Beccaria dos *Crimes e das Penas*, a fundação da colonia operaria do Jura, a protecção á neta de Corneille e a todos os desgraçados, fazem de Voltaire um apostolo da bondade, e póde-se dizer que do seu sorriso maligno, mas cheio de bondade, veiu essa nova corrente humana que caracterisa o fim do seculo XVIII, o *sentimentalismo*, a nova inspiração da litteratura em Prevost, em Rousseau, em Genlis; creou-se mesmo a palavra *philantropia* para exprimir a nova consciencia do altruismo.

Dois poderosos estimulos agitaram as imaginações no primeiro quartel do seculo XVIII, as operações financeiras de Law, e o uso do café. Todos imaginavam duplicar os seus haveres, e eram devorados pela febre do papel; tudo durante a Regencia foi subordinado a essas operações phantasticas, a

[1] Michelet, *La Regence*, p. 427.

essas ambições de riqueza; é com um grande traço de verdade que Carlyle lhe chama a *edade de papel*, que podemos bem comprehender ainda hoje pelo que se chama na giria jornalistica a febre bancaria. Voltaire, ao passo que se desenvolveu e que alargou os seus triumphos litterarios, ficou sempre com essa tendencia para banqueiro, e os seus contractos em ponto grande, as suas vastas propriedades, a sumptuosidade da sua vida, deram-lhe um respeito e liberdade que elle poz ao serviço das ideias. Aprendendo em Inglaterra a conhecer que o escriptor não é o successor do bobo dos palacios medievaes, mas uma força que dirige as opiniões, Voltaire não podia impôr á sociedade franceza esta consagração do escriptor se não se fizesse tambem admirar pela sua riqueza; sem os seus capitaes os sabios da *Encyclopedia* não teriam resistido á corrente do obscurantismo que reagia contra aquelle processo de emancipação da intelligen-

cia. A aptidão financeira de Voltaire imprime tambem ás suas ideias um cunho prático, e esta face do grande homem, estudada especialisadamente por Nicolardot, não é a menos admiravel; Goethe tinha algum tanto d'esta aptidão apparentemente prosaica.

Na evolução historica factos accidentaes intervêm casualmente determinando dadas fórmas de actividade social; o café foi uma das fontes da energia do seculo XVIII, como estimulo cerebral, excitante lucido para a conversa da facil sociabilidade, para a polemica subtil de todos os principios. Antes da vulgarisação do café os poetas, como Chapelle, Regnard, Boileau e Lafontaine reuniam-se na taverna, conservando o uso rabelaisiano da viagem *à la dive bouteille*; os seus versos são insipidos, carregados de motejos pessoaes. Com a vulgarisação do café surgem os extraordinarios conversadores, como o Abbade de Sam Pedro, Fontenelle, lord Bolingbroke,

Diderot; as ideias circulam no mundo com uma agitação electrica, escreve-se o conto philosophico, e os phenomenos sociaes são discutidos como objecto de sciencia. O café leva as imaginações sobrexcitadas para as regiões encantadoras do Oriente, e as *Mil e uma noites*, de Galland, o *Serralho* de Chardin, as *Cartas persianas* de Montesquieu, e as relações de viagens preparam a curiosidade dos Anquetil du Pérron e dos William Jones, que determinaram a investigação scientifica das origens indo-europêas, e nos revelaram os livros sagrados do Oriente, onde os dogmas religiosos apparecem como resultado do condicionalismo humano. O vigor extraordinario de Voltaire provinha-lhe da sua excitabilidade, que elle conservava com o café, e que perpetuava nos rapidos improvisos e epistolas; aos oitenta e quatro annos, depois de ter cooperado na agitação de um seculo inteiro, quando os mais fortes cáem na demencia da seni-

lidade, elle precisava acalmar a excitação que o impellia.

A vida de Voltaire limita-se entre duas datas bastante remotas: 1694 a 1778; elle attingiu um d'esses altos cumes da existencia, e póde-se dizer que, além da superioridade mental teve o dom da longevidade. Não é isto indifferente para a missão do grande homem; aquelle que possue o genio inventivo, ainda que morra prematuramente como Lavoisier ou como George Roberto Meyer, dotará a humanidade com um criterio novo, com um instrumento para comprehender mais profundamente a natureza, como a balança na chimica ou o equivalente mechanico na physica ou na biologia: aquelles que são simplesmente evangelisadores, que não inventam mas propagam e fazem fructificar as invenções, que pelo seu protesto equilibram a razão humana, esses, apezar da marcha do tempo, não ficarão atraz e serão sempre progressivos, e da veneração da edade ti-

rarão respeito para as ideias novas. Os oitenta e quatro annos de Voltaire representam esta acção disciplinadora de um espirito que tudo presentiu mas nada descobriu ; para elle a longevidade foi uma força e para a sociedade um bem. O longo reinado de Luiz XIV produziu a decadencia e esterilidade da França, que procurou renovar-se na Revolução ; a longa actividade mental de Voltaire fel-o assistir ás grandes descobertas scientificas da Economia politica por Adam Smith, da penalidade racional por Beccaria, levou-o a comprehender o trabalho livre e a tolerancia religiosa da Hollanda, a egualdade politica e o accesso aos cargos publicos na Inglaterra, emfim, fel-o assistir á queda dos Jesuitas e á emancipação das colonias inglezas da America em uma Republica de estados confederados ; teve tempo para se tornar um grande capitalista, para fundar colonias industriaes, para advogar a causa dos opprimidos, para vulgarisar

as theorias de Newton e as maravilhas da arte de Shakspeare, para escrever centenas de livros e milhões de cartas. Foram oitenta e quatro annos cheios, em que, pela multiplicação dos effeitos que tanto caracterisa os phenomenos sociaes, de dia a dia a sua vida se foi tornando mais precisa e por isso mais activa, a ponto de combater a propria excitabilidade com narcoticos.

Podemos fazer uma ideia do valor da longevidade de Voltaire pela situação de Fontenelle, que viveu cem annos menos trinta e cinco dias; as gerações novas o consideravam como um thesouro cujo valor augmentava com os annos; era o representante do seculo de Luiz XIV, um lampejo vivo do espirito de Benserade e de Saint-Evremont, lembrava a suavidade de Scuderi, e em volta d'elle sentia-se a graciosidade refinada do Palacio Rambouillet, e ainda o tom doutrinario dos primeiros membros da Academia. Era a resurreição na historia, não pelo pro-

cesso critico, mas pelo accidente de viver e de se lembrar ; a sua conversa era cheia de anecdotas, de narrativas intimas, de ditos historicos a cujo improviso assistira ; perpassava pelo lado exterior das coisas como quem pinta com uma mordacidade e com a tolerancia da velhice. Era a lição do passado, uma reminiscencia sympathica, e embora com o egoismo da senectude era amado com disvelo, porque infundia um prazer indizivel em volta de si, fallando ou escrevendo. [1]

Por aqui se póde imaginar a seducção de Voltaire sobre os espiritos, e porque é que Paris lhe fez a apotheose, e como sendo um dos maiores impulsores da actividade do seculo chegou a ser a expressão mais completa do genio francez. A longevidade, como o prova a physiologia moderna, é uma qualidade tão hereditaria como o talento. O Marquez d'Argenson, que foi

1 *Mém. du Marquis d'Argenson*, p. 426.

amigo de Voltaire desde os bancos da eschola e quando o futuro grande homem contava dez annos, amizade conservada através das vicissitudes d'este honrado ministro de Luiz xv, retrata Voltaire com traços tão verdadeiros que toda a sua vida de apparentes tergiversações fica explicada: « A estada em Inglaterra elevou-lhe a alma e reforçou-lhe as ideias; elle é capaz de publicar essas ideias com coragem, tendo no espirito o mesmo nervo que tiveram alguns auctores que se atreveram a publicar o que ninguem ousára antes d'elles; de mais a mais, tem as graças do estylo para exprimir e fazer apreciar certas ideias que revoltariam sendo expressas por outros. » [1] Voltaire não pertenceu ao celebre *Club de l'Entresol* fundado para desenvolver a liberdade do pensamento, mas refugiando-se em Inglaterra viveu na intimidade de lord Bolingbroke, o inicia-

[1] *Ob. cit.*, p. 440.

dor d'esse club francez que precedeu em intuito os Encyclopedistas. Foi a liberdade do pensamento, adquirida em Inglaterra, que tornou proficua a missão d'esse homem, cujo nome serviu para designar um estado mental do criticismo scientifico e de emancipação de consciencia, que caracterisou as intelligencias superiores do seculo XVIII da Europa, chamado *voltairianismo*. A audacia de pensamento consistia em uma acção negativa indispensavel de dissolução de um regimen theologico perturbador (luctas dos jansenistas e jesuitas) pela tolerancia com que immobilisaram a liberdade civil ; mas a parte verdadeiramente de Voltaire, o que o torna de primeira grandeza n'esse seculo de intelligencias poderosas é a sua individualidade inseparavel da sua acção: elle põe ao serviço das ideias que espalha uma linguagem clara e lucida, que já por si mesma é uma força de demonstração, dá-lhes o relêvo do bom senso popular tornando a

sua argumentação nova e irretorquivel, e põe do seu lado todos os que o lêem pela seducção da graça, espirito, ironia ou o quer que seja de peculiar na linguagem humana a que se chamou *voltairiano*. Já em 1739 escrevia d'Argenson da linguagem de Voltaire : « nada tão claro como as suas phrases ; ellas são cortadas sem serem seccas; nenhum periodo, nenhuma figura de rhetorica que não seja natural ; todos os adjectivos condizem com os seus substantivos ; emfim, a sua prosa é um modelo que os seus contemporaneos procuram já imitar sem ainda o quererem reconhecer. » [1] Outros souberam mais do que Voltaire, mas ninguem possuia esta *vis dicendi* que desarma o velho arsenal dialectico da theologia escholastica, e as vagas entidades de uma metaphysica banal com o modo simples de collocar os problemas; ninguem soube refutar melhor um tex-

[1] *Ob. cit.*, p. 441.

to tradicional com um sorriso que se imbebe como um veneno corrosivo. Algumas sciencias não estavam ainda constituidas, como a Archeologia prehistorica, como a Philologia comparada, como a Sciencia das Religiões, e ignorava-se a refutação que ellas trouxeram mais tarde a tantos systemas que atrazaram a marcha da humanidade; Voltaire suppriu esse processo por aquella graça de linguagem que o tornou uma força. Apezar da sua permanencia em Inglaterra, onde adquiriu o gosto de exercer a liberdade do pensamento, alguma coisa do antigo alumno dos Jesuitas se conservou no commensal de lord Bolingbroke, n'essa arte capciosa de dizer e de perceber o que os outros dizem; e é esta coordenação das duas orientações apparentemente contradictorias que torna aquelle espirito tão unico, aquella individualidade tão aggressiva, e a sua acção negativa tão cheia de sugestões fecundas.

A divisa dos encyclopedistas *Écrasons l'infame*, que se tornou a senha commum dos livres-pensadores, era a reacção do bom senso e da dignidade humana contra a falsa moral do catholicismo explorada em beneficio do clero, que pela absolvição dos crimes da realeza dispunha da acção d'este poder temporal, como se vira na noite de Sam Bartholomeu e na revogação do Edito de Nantes. A separação dos interesses das Monarchias dos enredados sophismas da Egreja, foi o grande trabalho de Voltaire; foi assim que começou de um modo indirecto a emancipação do poder civil; os jurisconsultos tornaram-se *regalistas*, e os reis quizeram fazer-se philosophos, como Frederico II e José II. Nós tivemos as consequencias d'este facto em Portugal; sem as doutrinas de Voltaire, o Marquez de Pombal não se atreveria a emprehender a demolição do poder clerical e a estabelecer os primordios da dignidade civil impondo a indepen-

dencia absoluta da realeza; o principe Dom José, que devia succeder no throno de sua mãe Dona Maria I, e que morreu prematuramente, envenenado pela cabala clerical, pelas relações com José II e pelo conhecimento das novas doutrinas economicas estava destinado a ser em Portugal o Rei-philosopho, n'este páiz onde o obscurantismo triumphou, isolando-nos do movimento europeu até ao anno de 1820. O espirito novo chamou-se *voltairianismo*; que maior consagração do que o nome de um homem ser a synthese de um estado mental! Mas o voltairianismo era o ataque ás velhas noções conservadas pelo interesse das monarchias, noções que se exprimiam pela antiga palavra *Macchiavellismo*, e de que a Egreja se apropriou tambem, dando-lhe o nome de uma das suas mais poderosas associações, o *Jesuitismo*. Carlos V, Henrique VIII, Catherina de Medicis, seguiam como catecismo da sua politica o livro *Do Principe*, de Mac-

chiavelli, onde se expunha como movel de toda a actividade politica a *vantagem pessoal* do monarcha; para manter esta vantagem pessoal convêm deter quanto possivel os homens em uma escravidão, conserval-os em uma coacção moral por um certo numero de erros, e não hesitar no meio de um crime quando elle assegure a estabilidade d'esta vantagem pessoal. Taes são as bases da theoria politica do *Macchiavellismo*, que todos os que governaram na Europa desde o seculo XVI mascararam com a fórmula generica de *Razão de Estado*. Com esta doutrina levantou-se na Egreja uma nova associação que adheriu a ella, e por isso teve o accesso livre dos thronos; os Jesuitas, fundando a sua moral na maxima « os fins justificam os meios, » foram os confessores e os conselheiros de todos os monarchas, e póde-se hoje dizer que não houve intriga diplomatica, carnificina ou catastrophe politica em que elles se não encontrassem

*

sempre por detraz da cortina. O dominio dos Jesuitas na côrte de Luiz XIV, que traduzia a vantagem pessoal macchiavellica na outra phrase egualmente torpe « o Estado sou eu, » e na côrte de Luiz XV, que precisava de transigencias com a propria consciencia, é que revelou a Voltaire a necessidade de combater essas duas perversões da moral politica e da moral religiosa, desmembrando-as da liga malevola que haviam formado. Contra a absorpção monarchica basta dizer que Voltaire presentiu a Revolução; contra o obscurantismo clerical comprehendeu a força e poz em obra a vulgarisação historica e scientifica; o *infame*, que elle procurava esmagar, era o absurdo das superstições, com que o clero bestialisando os povos os tornava escravos explorados pelo despotismo dos reis. O valor da palavra *Voltairianismo* só será bem comprehendido conhecendo-se os seus contra-postos *Macchiavellismo* e *Jesuitismo*.

Nada mais terrivel para a decadencia das sociedades humanas do que a apathia mental; o fim do reinado de Luiz XIV, exhausto em polemicas religiosas e em praticas de beaterio, precisava de estimulos acerbos para que a França resurgisse d'essa longa immobilidade intellectual e d'essa moral de convenção, falsa na essencia, mas severa na fórma. Voltaire teve esse dom da exacerbação; a sua palavra provocava a polemica, o conflicto, e em volta de si a actividade mental. Este dom conheceu-se ainda no Centenario d'esse grande da humanidade, quando o partido clerical, capitaneado por Dupanloup, se levantou em massa para obstar a que o governo da Republica désse um caracter official á sua apotheose. Foi por esse poder que Voltaire conseguiu trazer das conversas dos philosophos para a sociedade civil os grandes problemas da liberdade e da consciencia, interessando por elles o maior numero.

O trabalho de Voltaire foi uma lucta incessante, em que elle ia á ventura, com risco de vida, como um piloto em mar desconhecido; os que o atacam accumularam uma grande serie de actos contradictorios para provarem a sua falta de plano, a subserviencia aos reis, o abandono das proprias ideias. Aquelles que estudam Voltaire explicam esses actos como concessões impostas pelo meio social que elle estava transformando insensivelmente. D'Argenson, que conheceu intimamente Voltaire, explica com bastante naturalidade esta face do seu caracter: « Desde muito tempo que se fez a distincção entre a coragem do espirito e a coragem do corpo. Raramente se encontram reunidas. Voltaire é para mim um exemplo. Tem na alma uma coragem digna de Turenne, de Moisés, de Gustavo Adolpho. Vê alto, emprehende, de nada se atemorisa; mas elle arreceia-se dos menores perigos para o seu corpo e é um poltrão convicto.

Conheço granadeiros bastante intrepidos, mas irresolutos, incapazes de nada emprehenderam, e figurando-se perigos onde não existem. » [1] D'Argenson foi um dos primeiros a caracterisar Voltaire como um audacioso do pensamento; completa o retrato, por isso que o conheceu de perto, definindo-o physicamente como poltrão. É este o traço imperfeito da estatua; mas tem a sua rasão de ser. O valetudinario que chega á longevidade á custa de cuidados da sua pessoa, e que por essa longevidade exerce uma acção intellectual mais profunda; o homem impressionavel, todo nervos, e tirando da propria excitabilidade o vigor lucido com que domina pelo bom senso, tem bem compensado todos os inconvenientes de uma fatalidade organica, o reconhecer-se materialmente fraco. Demais, essa fraqueza é um geito que lhe ficou do regimen disciplinar da edu-

[1] *Ob. cit.*, p. 444.

cação jesuitica, que visa por todos os meios a annullar a vontade no homem, a matar-lhe todas as energias, a tornal-o quasi cadaver; os jesuitas conseguem isso pelo rigor das classes, sobretudo pela efficacia deprimente das pancadas no ensino. Fica-se materialmente quebrado, capaz de todas as covardias, e com restos de energia de espirito que se transformam em hypocrisia. Muitos traços da vida de Napoleão I não se comprehendem se se ignorar que elle tambem foi discipulo nos collegios dos jesuitas. O alumno de Turnemine e commensal de Bolingbroke apresenta as duas feições, que d'Argenson soube tão bem descrever. Como observou Luiz Blanc, para derrocar o imperio dos padres, que se haviam apoderado em todos os estados da auctoridade civil, era preciso separar a sua causa da dos reis; as bajulações de Voltaire a Catherina da Russia, a Luiz XV, a Frederico II, têm este sentido profundo. Elle escreve a Frederico,

quando ainda era principe: « Se a maior parte dos reis patrocinou o fanatismo nos seus estados, é porque elles eram ignorantes, é porque não sabiam que os padres são os seus maiores inimigos. Effectivamente, haverá um só exemplo na historia do mundo em que os padres tenham estatabelecido a harmonia entre os soberanos e os seus subditos? Pelo contrario, não se vê por toda a parte os padres levantando o estandarte da discordia e da revolta? Não foram os presbyterianos da Escossia que começaram essa desgraçada guerra civil que custou a vida a Carlos I, a um rei que era homem de bem? Não foi um monge que assassinou Henrique III, rei de França? A Europa não está cheia ainda dos signaes da ambição ecclesiastica? Bispos arvorados em principes, e depois vossos confrades no eleitorado, um bispo de Roma calcando aos pés os imperadores, não são isto fortissi-

mos testemunhos?» [1] A prova historica é a mais forte discussão dos phenomenos sociaes, e Voltaire reconheceu essa grande importancia; os reis procuram a intimidade de Voltaire, porque as suas cartas tornaram-se um titulo de honra; José II, Christiano VII, Gustavo III, Frederico II e Catherina buscavam a familiaridade d'aquella lucida intelligencia, que os separava da liga de um poder ambicioso que executava todos os crimes com o *braço secular*. Voltaire proclamava a existencia de um unico poder, e foi este pensamento o que o Marquez de Pombal poz em obra expulsando os Jesuitas, abatendo a nobreza que se torna instrumento da intriga da Companhia, e tornando a realeza absolutamente independente. Nenhum povo soffreu tanto como o portuguez o obscurantismo

1 *Correspondance de Voltaire*, t. III, 134; ap. Luiz Blanc.

clerical, e embora grandes monstruosidades fossem precisas para garantir a independencia da realeza, essa obra era o preliminar indispensavel para que um dia tudo fosse submettido ao estado civil. Em uma carta a d'Alembert, escreve Voltaire: «Ninguem duvída que a causa dos reis seja tambem a dos philosophos; é evidente que os que não admittem duas potencias são os primeiros sustentaculos da auctoridade real.» E escrevendo a Frederico, explica-lhe o caracter da elaboração philosophica: «Os philosophos não pedem mais do que tranquillidade, e não ha um theologo que não queira tornar-se senhor do Estado.» De facto toda essa serie de cardeaes valídos feitos primeiros ministros, como Richelieu, Mazarino, Fleury, Dubois, e Alberoni, e conduzindo a França e a Hespanha á mais lamentavel decadencia, os directores das consciencias reaes, os confessores particulares, todos elles só cuidam n'uma coisa, chamar a si o poder e conser-

val-o em beneficio da classe. Os reis philosophos encetaram novas reformas, e os grandes ministros como d'Argenson, Turgot, Choiseul, Aranda, e Pombal pertencem a essa eschola da *Encyclopedia*, da economia politica, e do conhecimento historico do passado; todos elles servindo com sinceridade os reis, simplificavam o advento da independencia do estado civil a que os proprios reis têm de ser sacrificados. Na dissolução do regimen catholico-feudal a subordinação do poder espiritual da Egreja ao poder temporal dos reis foi o trabalho *negativo* de todo o seculo XVIII; mas sem este trabalho provisorio, nunca a razão humana affirmando-se na sua força, extinguiria as fogueiras inquisitoriaes.

O reducto onde se travou o combate formal contra as superstições do passado, onde o espirito scientifico veiu fortalecer a razão humana foi a *Encyclopedia*; o que Bayle tentára no seculo XVII com o seu Diccionario,

'Alembert e Diderot emprehenderam-
ıo sob um ponto de vista mais vasto.
ı *Encyclopedia*, tambem em fórma
le Diccionario, comprehendia todas as
ciencias, todas as artes e industrias,
odos os problemas das differentes es-
holas philosophicas, e a exposição dos
iversos dogmas religiosos. D'Alem-
ert era o primeiro geometra do secu-
o, e competia-lhe o escrever todos os
rtigos sobre mathematicas e sciencias
aturaes; Diderot era a intelligencia
nais lucida de todo o seculo XVIII, o
ritico mais original, o espirito mais
reador, a observação mais perspicaz,
ra o genio na maxima espontaneida-
e, e a elle competiam-lhe todos os
rtigos de philosophia, historia, reli-
iões, emfim o que pertence aos pheno-
nenos a que hoje chamamos de ordem
ociologica. Estas duas naturezas tão
xcepcionaes completaram-se; Diderot
ossuia um dom de linguagem surpre-
endente, enthusiasmava, apaixonava;
l'Alembert tinha a impassibilidade e a

reflexão do geometra, tão necessaria para conduzir aquella vasta empreza. Voltaire collaborava na *Encyclopedia* sob o nome de um sacerdote de Lausanne, com outros audaciosos pensadores, como de Prades, Morellet, Dumarsais, Reynal; os artigos differentes suscitavam tempestades entre os jansenistas, entre os jesuitas, na côrte junto do Delphim, e os dois intrepidos pensadores resistiram a todos os ataques dos folliculatios theologicos. Os artigos da *Encyclopedia* eram escriptos com certas reservas, para que a publicação não fosse prohibida, e ainda assim d'Alembert escrevia a Voltaire: « O tempo fará distinguir o que nós pensamos do que nós dissemos. » As perseguições começaram; a *Encyclopedia* apezar de dedicada a d'Argenson, de recebida por Choiseul, e de lida por toda a aristocracia, chegou a ser prohibida, e d'Alembert pensou em abandonal-a. Cabe a Voltaire a gloria de ter fortificado d'Alembert, dizendo-lhe que se

separasse de Diderot ficavam perdidos, e de ter-lhes offerecido asylo e capitaes para essa obra «digna da imprensa livre da Hollanda.» A *Encyclopedia* começada em 1751, supprimida em 1752, e condemnada pelo tribunal em 1759, chegou comtudo a completar-se como o monumento de uma éra nova da humanidade. Essa éra nova aproximava o fim e explosão do regimen revolucionario, e contendo as bases para a educação *scientifica*, que veiu a ser realisada no ensino polytechnico, estabelecia o unico meio para que a marcha das sociedades humanas se tornasse independente do providencialismo, da acção das personalidades privilegiadas, e assegurasse a regularidade do seu progresso pelo regimen da evolução.

O ultimo periodo da vida de Voltaire assignala-se por uma cruzada humana; a desgraça do honrado negociante de Toulouse João Calas, em 1762, revolta-o contra a barbaridade

da justiça dos tribunaes de provincia, contra a pena de morte, contra o sysma da tortura nos processos, contra o segredo e contra a confiscação dos bens dos condemnados. João Calas era um protestante, e vivia na mais completa harmonia com a sua familia, e mesmo com um filho que abjurára as doutrinas calvinistas; uma noite, depois que se levantaram de cear, a familia encontrou enforcado no armazem o filho mais velho Marco Antonio Calas. Correu immediatamente o rumor de que o proprio pae enforcára o filho, por pretender fazer-se catholico; os Penitentes brancos de Toulouse fizeram-lhe estrondosas exequias, e os dominicanos não deixaram escapar este ensejo para fanatisarem o povo, apresentando nas exequias um esqueleto com uma palma na mão e um acto de abjuração de calvinista. O velho pae e toda a familia foram mettidos em ferros e o interrogatorio fez-se na tortura; nenhuma prova se pôde

obter d'esse pretendido crime ; mas os juizes fanaticos condemnaram Calas a ser rodado e a quebrarem-se-lhe os ossos, e depois a ser degolado. Calas protestou sempre contra essa imputação contra a natureza, e a sua morte foi cheia de heroismo. As filhas foram mettidas em um convento para serem doutrinadas, e a velha mãe refugiou-se na Suissa. Voltaire soube d'esta tremenda bestialidade dos juizes de Toulouse, e pôz-se em campo para rehabilitar a memoria de Calas, e fazer com que os bens confiscados fossem restituidos á familia. Foram tres annos de esforços constantes ; escreveu esse eloquentissimo *Tratado sobre a tolerancia*, redigiu memoriaes, pediu a todos os ministros, impressionou Choiseul, fez revêr o processo, e por fim conseguiu que a sentença indigna fosse annullada ; e aquelle homem que tanto podia pela ironia, aquelle cujo sorriso era uma força, dizia do seu estado de espirito durante essa lucta pela huma-

nidade : « Durante estes tres annos nunca me escapou um riso, que eu consideraria como um crime. » O caso de Calas ia-se repetindo com Sirven, e Voltaire salvou-o por uma nova cruzada ; elle torna-se o tribunal da equidade contra a intolerancia e contra os velhos abusos sociaes, defendendo La-Barre, e d'Etalonde, de Montbailly, Mᵉˡˡᵉ Camp, os pobres servos do Jura explorados pelos conegos de Saint-Claude, e esse extraordinario patriota o Conde de Lally, assassinado judiciariamente em recompensa de cincoenta e cinco annos de serviços á França. Voltaire trabalhou para a rehabilitação da memoria d'este typo historico, e para que seu filho herdasse um nome honrado. O effeito d'esta cruzada humana, por quem tanto trabalhou pela independencia da razão, não podia deixar de fazer convergir as attenções sobre os defeitos tradicionaes das instituições, e de actuar sobre o adoçamento dos costumes pela tolerancia.

Sentia-se que se ia entrar em uma éra nova; nos seus avisos ao rei o parlamento já fallava em revolução; d'Argenson, Barbier e Grimm, presentemna, e emfim Voltaire a 2 de abril de 1764 escreve essas memoraveis palavras: « Tudo quanto observo lança as sementes de uma revolução que acontecerá inevitavelmente, e de que não terei o prazer de ser testemunha. Os francezes chegam tarde a tudo, mas emfim sempre chegam. A luz tem-se de tal modo espalhado de todos os lados, que rebentará na primeira occasião; então terá que vêr. Os novos serão bem felizes; hão de vêr bellas coisas! » Os presentimentos de Voltaire emquanto ás transformações politicas não são mais surprehendentes do que as suas intuições scientificas; pela experiencia do ferro em braza achou-se a meio caminho da descoberta do oxygenio; conheceu que o ár era um gaz composto; explicou pela força expansiva dos vapores a formação dos

*

vulcões e dos terramotos ; pela observação das diversas temperaturas dos corpos separados e pela somma d'essas temperaturas depois de misturados, chegou ás mesmas observações que levaram Black á descoberta do calor latente. Se Voltaire fosse exclusivamente homem de sciencia ter-se-ia immortalisado por uma d'estas descobertas, mas não exerceria o poder orientador dos espiritos na direcção critica. No bello livro do *Ensaio sobre os Costumes*, estabelece a base de toda a critica scientifica, o processo do encadeamento dos factos, e o grande principio da evolução historica ; e por isso, em uma época em que ainda se não conhecia a archeologia pre-historica, nem a Sciencia comparativa da linguagem, nem as mythologias comparadas, nem a sciencia das religiões, nem tam pouco se conhecia a antiguidade da civilisação do Egypto, nem a Chaldéa, Babylonia, Assyria, Media, Arias, Iranianos, haviam ainda contribuido para

a comprehensão do passado humano pela exploração dos seus documentos, Voltaire pressente que o primeiro trabalho serio na historia será fazer recuar esse passado para ser comprehendido fóra do perstigio do maravilhoso. No *Ensaio sobre os Costumes* começa pelo estudo das mudanças do globo, embora a verdadeira geologia das causas actuaes ainda não estivesse vulgarisada ; estuda as differentes raças humanas, embora os trabalhos de anthropologia não tivessem começado ; affirma a antiguidade das nações um seculo antes das descobertas dos orientalistas ; e liga ao estado selvagem a consideração historica que um seculo depois Lubbock, Tylor e tantos outros ethnologos erigiram tambem em sciencia. Nas paginas do seu *Diccionario philosophico* encontram-se espalhadas extraordinarias sugestões, que indicaremos rapidamente, taes como a abolição dos conventos, dos dizimos, e a creação do registo civil ; a extincção

da venalidade dos cargos publicos, e a creação de magistraturas electivas e instituição do jury; nas reformas administrativas pedia distribuição equitativa do imposto, uniformidade dos pesos e medidas, asylos para as crianças e velhos, caixas economicas, justiça gratuita e juizes de conciliação, direito de defeza a todos os accusados, publicidade dos processos, egualdade dos direitos, livre accesso a todos os cargos da nação, abolição da tortura, instrucção gratuita, fundação de bibliothecas, desenvolvimento dos municipios e assembléas politicas; revisão dos Codigos antigos e atrazados; liberdade de commercio, e desenvolvimento da viação. Todas estas sublimes sugestões fructificaram a seu tempo, e a Revolução de 1789, a de 1848, e ultimamente a de 1870 representam os esforços para submetter os phenomenos sociaes á disciplina da Sciencia. A liberdade philosophica inaugurada pela Reforma foi continuada por Voltaire; a liber-

dade politica realisada pelas revoluções de Inglaterra e da America, foi tambem propagada pelas sugestões de Voltaire, que chegou a presentir o movimento que havia de fundar no mundo a liberdade civil na Revolução franceza.

Ao fim de oitenta e quatro annos de lucta a acção de Voltaire fez-se sentir : se pela sua acção negativa influenciava no animo dos reis philosophos, o povo amava-o como o apostolo da humanidade opprimida, e via n'elle o defensor de Calas, de Sirven, de Montbailly, de Lally ; era esta a sua missão positiva, o cunho da superioridade do grande homem. Voltaire possuia um poder de que não tinha uma completa consciencia, e nem queria acreditar n'esta affirmação de Turgot. Do seu retiro neutro de Ferney, o velho philosopho, como o pontifice do bom senso e da tolerancia, correspondia-se com os grandes monarchas, que pretendiam pôr em pratica nos seus esta-

dos os novos principios scientificos, como Catherina da Russia e José II; de todos os pontos civilisados da Europa accudiam viajantes a Ferney para contemplarem o augusto velho. Era elle na Europa o verdadeiro soberano, porque representava o espirito moderno, e para todos os que presentiam o movimento que se definiu na Revolução, Voltaire era o symbolo d'essas vagas aspirações.

Havia quasi trinta annos que Voltaire não entrára em Paris; existia alli um grande trabalho mental, a aristocracia cultivava por distincção a sciencia e os abbades philosophavam livremente. Voltaire teve desejos de visitar aquelle antigo theatro de tantas luctas; aproveitou o ensejo de ter acabado de compôr a sua nova tragedia *Irene*. Pôz-se a caminho para Paris a 5 de fevereiro de 1778; por onde passava ouvia repetir o seu nome com veneração, e chegado a Paris ao fim de cinco dias, a multidão cercou-lhe o

palacio para contemplal-o. Era uma força nova que apparecia. Turgot, um dos grandes precursores do espirito positivo, foi conversar com o sublime velho, para lhe descrever as transformações que se operavam em França: Franklin, levou-lhe o seu neto para que o abençoasse; a Academia franceza veiu recebel-o quando quiz assistir a uma sessão, e a multidão seguindo-o acclamava-o como um salvador. Quando Voltaire assistiu á sexta representação da *Irene*, a admiração tocou o delirio; gritaram: *Dê-se-lhe uma corôa!* E quando appareceu a corôa, e Voltaire recusava essa honra, a multidão gritou indistinctamente: *É o publico que a dá!* Condorcet, na Vida de Voltaire, escreve d'esta apotheose: « Nunca homem algum recebeu signaes mais tocantes de admiração e de sympathia publica; nunca o genio foi honrado com uma homenagem tão lisongeira. » Mas para que lembrar aqui essa consagração de um homem? É

porque esse facto tem um sentido novo; a glorificação de Voltaire significa o reconhecimento de um novo poder destinado a dirigir as sociedades humanas, — o poder espiritual da sciencia. Todos os dias, a cada descoberta, a cada demonstração, a cada comprehensão mais intima dos phenomenos que nos cercam, se está accumulando esse poder, que ainda não tomou o governo definitivo das sociedades, mas que já soube substituir a revolução pela evolução; data de Voltaire o reconhecimento publico d'essa força, que tem de succeder ao poder espiritual das crenças que já não produz unificação moral dos povos e é incapaz de attingir a unanimidade da sciencia.

Em todo o trabalho de Voltaire ha uma parte positiva, que subsiste ás negações da sua ironia, á polemica violenta, aos pontos de vista errados ou incompletos, aos sacrificios, ao meio social e ás ideias recebidas; essa parte

positiva é o protesto a favor da natureza humana, é a convocação á piedade compassiva, é a consolação aos opprimidos, a defeza de Calas, de Sirven, de Estonville, de la Barre, de todos os que precisaram da energia da sua bondade. Momentos antes de morrer, Voltaire foi procurado pelo filho de Lally, para lhe dar parte da *rehabilitação de seu pae;* Voltaire ainda pôde perceber, e pedindo uma penna escreveu: « *O moribundo resuscita ouvindo essa grande nova.* » Pois bem, a civilisação moderna levanta hoje no seu pantheon, e para a immortalidade da especie, esse homem morto ha cem annos, porque esta festa representa a boa nova da liberdade de consciencia, do advento da democracia, e do reconhecimento do novo poder espiritual — a Sciencia. É a Voltaire que compete a primeira congratulação pela emancipação da humanidade.

§. IV

O CENTENARIO DE DIDEROT

Acaba de organisar-se em Paris uma commissão iniciadora da festa de commemoração civica em honra de Diderot; a sua longa e reorganisadora actividade artistica, scientifica e philosophica, que impulsionou as intelligencias e as consciencias do seculo XVIII, extinguiu-se com o seu fallecimento em 30 de julho de 1784. Quando ao fim de um seculo, muitos nomes gloriosos se acham totalmente esquecidos, como os da aristocracia franceza envolvida no vórtice da Revolução, como os personagens

do mundo official do gasto cesarismo, como os laureados das academias e dos salões, o filho do honrado cuteleiro de Langres levanta-se como a synthese de uma época, vivendo na solidariedade humana por ter accelerado o concurso de todas as energias sociaes. O Centenario de Diderot significa a justa comprehensão da continuidade activa e especulativa que existe entre o seculo da Revolução e o da reconstrucção. A parte negativa do trabalho do seculo XVIII, caracterisada pela dissolução do regimen catholico-feudal, ainda não está terminada; e a parte positiva da moderna reorganisação sociocratica, ainda demorada pela necessidade da intervenção do radicalismo politico, apenas se vae esboçando n'estas consagrações sociaes dos Centenarios.

Augusto Comte, nas suas Cartas a Stuart Mill, previu esta tendencia das sociedades modernas para a glorificação dos grandes homens e dos suc-

cessos capitaes, e sentiu bastante o não ter uma prolongada existencia para vêr como esta manifestação espontanea da solidariedade social se ia convertendo em um systema de expressão moral de um accôrdo affectivo. A frequencia com que ha quasi quarenta annos se succedem estas festas civicas dos Centenarios entre todos os povos da Europa, revela-nos realmente que o sentimento moderno procura outras bases de concordia, venerando aquelles que universalisaram ideias, que deram fórma eterna aos sentimentos, ou que exerceram uma acção constructiva na collectividade social, deixando caír no esquecimento esses outros sêres egoistas chamados Santos, que a Egreja commemora pelo seu feroz egoismo, affrontando a sociedade para ganharem para si uma ficticia bem-aventurança. Se algum dia a humanidade, sob a direcção racional que leva, reconhecer como uma necessidade a adoração de alguma coisa, em vez

d'essas entidades ficticias das theologias, ella concentrará a sua veneração nos vultos que synthetisam por alguma fórma os esforços da especie para a sua elevação moral, politica e economica.

Os Centenarios são este esboço de reorganisação sociolatrica, que se define de um modo evolutivo; a iniciativa da sua celebração tem partido de todos os campos, quer dos representantes da theocracia, como do conservantismo politico, das collectividades academicas, como dos elementos revolucionarios e radicaes. Todos se conformam na mesma tendencia.

Actualmente o Centenario de Diderot, em 30 de julho de 1884, vem completar o reconhecimento da nossa herança historica do seculo XVIII, cujos problemas politicos, religiosos e philosophicos esperam ainda uma solução definitiva, embaraçada pelos retrocessos do militarismo napoleonico e da pedantocracia constitucional parlamen-

tar, com que nos esgotamos ainda, já pelos conflictos internacionaes, já pelos constantes golpes de estado parlamentares ou ministeriaes.

Depois dos Centenarios de Voltaire e de Rousseau, com que os elementos activos dos livres-pensadores e do radicalismo francez se reconheceram os continuadores do genio revolucionario do seculo XVIII na sua parte negativa, era logica e necessaria a consagração do grande espirito que no meio d'essa corrente metaphysica criticista tentou um esforço de reorganisação positiva, primeiramente pela fórma *esthetica*, depois pela elaboração *scientifica*, e por fim pelas deducções *philosophicas*. Esse vulto extraordinario que fecundou a actividade do seculo em todas as suas manifestações, foi Diderot; se os que estão emancipados de todos os preconceitos theologicos, e na lucta actual contra o clericalismo para a emancipação da esphera civil, tomaram a glorificação de Voltaire como a

senha de confiança nas suas fileiras; se os que se libertaram dos preconceitos do privilegio de nascimento demolindo essa outra ficção da Realeza hereditaria ou dynastica, organisando o poder pelo accordo da vontade de todos na Democracia, foram encontrar na glorificação secular de Rousseau o sentido da sua convergencia activa nas luctas do suffragio; depois d'estas commemorações competia á Philosophia positiva, como synthese constructiva do seculo XIX, proclamar o nome de Diderot, como o da intelligencia mais lucida que em toda a actividade negativa do seculo XVIII trabalhou de um modo directo para a reorganisação mental do homem e para a reorganisação moral da sociedade. O illustre representante da doutrina positiva, M. Pierre Laffitte, é o presidente da commissão preparadora do Centenario de Diderot, cujo manifesto accentúa com a maior nitidez o alcance social d'esta consagração.

Voltaire, pela sua critica dissolvente, atacava a cabala clerical e o predominio doutrinario do theologismo, mas bajulava a Realeza, e dava-se por satisfeito com esta fórma do poder temporal; pelo seu lado Rousseau não era menos incongruente, prégando a ruina das desegualdades sociaes perante um estado natural paradisiaco, e ao passo que combatia as aristocracias e a realeza, impunha com intolerancia sanguinaria esse abstracto deismo, que dirigiu os homens mais implacaveis da época do Terror. As contradicções d'estes dois espiritos resultavam da falta de um principio doutrinario, e da sua missão critica com um destino provisorio. A superioridade do espirito de Diderot sobre a grande pleiada do seculo XVIII, provém de uma capacidade synthetica, da sua vista de conjuncto da complexidade dos elementos analyticos que se elaboravam na sua época, e é por isso que elle se achou exercendo uma direcção tacita sobre os

seus contemporaneos, já pelo perstigio surprehendente das suas conversas, já pelo genio da fórma litteraria, já pela audacia das suas arrojadas iniciativas, como a d'essa empreza da *Encyclopedia*. Ninguem no seculo XVIII possuiu essa capacidade synthetica como Diderot; é por isso que a negação do clericalismo, como proclamava a eschola voltairiana e que se tornou a caracteristica mais accentuada do seculo, e tambem a negação dos privilegios aristocraticos como queria a eschola radicalista de Rousseau, que veiu a preponderar na Revolução franceza, eram dois problemas preliminiares para Diderot, que visava á reconstrucção.

A phrase de Augusto Comte: *Induire pour deduire, à fin de construire*, condensa toda a existencia intellectual de Diderot no seu esforço de reorganisação social. A inducção scientifica leva-o a descobrir a necessidade do encadeamento dogmatico de todas as verdades demonstradas, e a achar o cara-

cter relativo das nossas concepções; é assim que elle entra no campo da especulação philosophica, livre da preoccupação theologica e do criticismo metaphysico, exercendo uma acção constructiva no desenvolvimento das applicações technicas das artes industriaes, verdadeira direcção depois do esgotamento das actividades theologico-militares. N'este sentido escreve M. Laffitte, no citado Manifesto: «Assim a sua obra principal consiste nos esforços constantes, ainda que muitas vezes confusos e falhos de uma coordenação necessaria, para o regimen final da nossa especie, em que a Humanidade governará os seus proprios destinos pela sciencia, pela arte e pela industria. — Na *Encyclopedia,* as artes mechanicas occupam um logar importante, e pela primeira vez, sem duvida alguma, viu-se não sómente os manufactores e negociantes, mas tambem os operarios, concorrerem directamente para uma obra philosophica de primeira

ordem. — Quesnay e Turgot ali assentaram as bases de suas concepções economicas, e Bourgelat alli expôz os principios da arte veterinaria, esta arte capital que institue o governo da natureza viva para o serviço da nossa especie. — Assim, sob a direcção de Diderot todos os aspectos do regimen industrial são verdadeiramente indicados, e se lhe falta a systematisação, acha-se em compensação uma multidão de vistas novas e de noções originaes. »

A obra de Diderot acompanha na sua complexidade o desenvolvimento da sua propria natureza; elle é o exemplo d'essa transformação psychologica evolutiva, que começa pela actividade emocional ou *esthetica*, e fortalecido pela elaboração critica ou *scientifica*, termina pela systematisação *philosophica*.

A influencia de Diderot exerce-se primeiramente nas fórmas da arte, e é dos seus esforços que data a trans-

formação do drama naturalista, que se estendeu até á Allemanha em Lessing, Goethe e Schiller; o drama *O Pae de familias* foi a sua primeira tentativa de idealisação do real; seguiu-se-lhe o *Filho natural*. Bouterweck, que conheceu a influencia das doutrinas estheticas de Diderot sobre o theatro allemão, diz d'elle: « Possuia um tacto bastante delicado para descobrir as relações moraes, e o talento para imitar nos seus escriptos a linguagem natural da vida commum. »

Diderot escrevia previamente as theorias estheticas que realisava nas obras litterarias, e comtudo, como confessa Bouterweck: « Postoque elle avance passo a passo como um geometra, medindo o seu caminho dramatico segundo os seus principios e calculando do modo mais methodico o effeito de cada scena e quasi de cada palavra, comtudo, elle evita á força de arte a apparencia de um trabalho permanente. »

A influencia de Diderot no theatro moderno do Romantismo foi reconhecida pelos criticos contemporaneos; Genin, erudito sem vistas de conjuncto, e por isso hostil a Diderot, escreve: «o que se chamou *arte romantica*, com o seu fausto de verdade dê por onde der, não era mais do que um caldo requentado dos velhos systemas de Diderot.» No seu livro *L'Eglise et les Philosophes au Dix-huitième siècle*, Lanfrey filia no drama de Diderot, Sedaine, Lessing, Goethe e Schiller, e toda a eschola dramatica moderna: «Os seus admiraveis *Salões*, onde o enthusiasmo do bello e uma assombrosa segurança de instincto o guiam mais infallivelmente do que todas as vãs theorias de esthetica, imprimiram á Arte um feliz impulso que preparou de longe a renovação de que fruimos os beneficios sem soffrermos a penivel iniciação. Quem poderá discriminar o que pertence a Diderot em Chardin, Fragonard, Falconnet, Vernet, Hou-

don e sobre tudo em Greuze?... » Depois de ter redigido durante tres annos a critica esthetica dos *Salões*, Diderot voltou-se para a Musica, chegando a influir no genio de Grétry, attribuindo-se a elle o trio pathetico do segundo acto de *Zémire et Azor*. O talento da fórma litteraria, da eloquencia, da novidade da elocução, da espontaneidade ligada a uma imaginação inesgotavel, era a sua principal força, revelada no romance inexcedivel da *Religiosa*, n'esse assombroso escorço do *Neveu de Rameau*, no *Jacques o Fatalista*, e nos *Contos* que excedem em drama e profundidade philosophica os melhores contos de Balzac. Foi com esse poder de vulgarisação e universalidade que Diderot transitou para a sua phase de propaganda scientifica, alliciando todos os espiritos mais distinctos do seculo XVIII para a organisação da *Encyclopedia*, um inventario de todo o saber humano, e um impulso para a applicação pratica

das sciencias; os abbades, como Mallet, como Yvon, de Prades, La Chapelle, Pestré, Morellet e Galiani, ahi figuram ao lado de Voltaire e de Rousseau, sob a direcção mental de d'Alembert, e em collaboração com Daubanton (collaborador de Buffon) e Condorcet. Era preciso um talento de seducção enorme para harmonisar todos estes elementos pensantes, e vencer os embaraços economicos e as pressões da auctoridade absoluta para que a *Encyclopedia* fosse levada por diante. Diderot realisou esse prodigio, trabalhando durante trinta annos, sempre debaixo do perigo da Bastilha, ou do intolerantismo que em volta d'ella sacrificava Calas e Sirven. A sua energia moral é um exemplo não excedido; a sua abnegação levou-o a sacrificar-se encarregando-se da parte da *Encyclopedia* relativa ás artes mechanicas, frequentando as officinas, observando o trabalho das machinas e ex-

plicando racionalmente os seus processos.

O partido retrogrado, dirigido então pelos Jesuitas, comprehendeu o perigo da *Encyclopedia*, e tentou prohibil-a; mas as classes illustradas interessavam-se já pelo monumento do seculo. Tentaram corromper o livreiro, modificando o texto dos artigos; mas que importa uma ou outra contradicção, quando os principios fundamentaes são deduzidos das noções positivas das sciencias! A força d'esse baluarte da incredulidade não estava nos artigos isolados, mas no seu conjuncto, na intenção do todo.

No *Discurso preliminar da Encyclopedia*, D'Alembert frisou com clareza o intuito da Synthese objectiva, realisada n'esta tentativa de aproximação de todas as sciencias, onde se devia expôr tanto quanto possivel «a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos.» E em seguida accrescenta: « O primeiro passo que te-

mos a dar n'esta busca, é examinar, permittam-nos o termo, a genealogia e a filiação dos nossos conhecimentos, as causas que os fizeram nascer, e os caracteres que os distinguem ; em uma palavra, remontar até á origem e á geração das nossas ideias. » A synthese objectiva, ou enumeração das *ideias directas*, que constituem as Sciencias, conduzia á reorganisação da synthese subjectiva, ou Philosophia, resultante da combinação e comparação d'essas ideias directas. Tal era a parte constructiva claramente definida na actividade philosophica de Diderot.

Esta parte dispendeu-a este genio incomparavel no influxo moral das suas conversas, fazendo da *sociabilidade* uma das principaes manifestações do seculo XVIII, n'isto parecido com o assombroso seculo de Péricles. A pobreza, as doenças e as perseguições não o deixaram desenvolver theoricamente as suas doutrinas reconstructivas em Philosophia, e o desastre da

grande crise social de 1789 conduziu a corrente social para o radicalismo de Rousseau e para esse deismo dos desvairados de 93, que sacrificaram os representantes da arte, da sciencia e da philosophia, Chénier, Lavoisier e Condorcet. Não foi menos desastrosa a reacção do direito divino e do conservantismo burguez, do Imperio e da Restauração, embaraçando o advento e formação de uma doutrina positiva para os espiritos. No meio das grandes calamidades sociaes, o genio francez conseguiu proseguir no trabalho de reconstrucção entrevisto por Diderot; o grupo das chamadas Sciencias *physico-mathematicas* foi desenvolvido pela creação da Biologia por Bichat, e pelos extraordinarios systematisadores Lamarck e Blainville, e o grupo das Sciencias *moraes* e *politicas* foi systematisado por Auguste Comte, que completou a Synthese objectiva pela constituição da sciencia da Sociologia.

No meio do dédalo de doutrinas in-

coherentes, da tradição metaphysica do seculo XVIII, do criticismo kantiano, do theologismo retrogrado de De Maistre e Chateaubriand, do transcendentalismo germanico, era preciso uma comprehensão clara do movimento social e intellectual da Europa para deduzir a corrente das concepções positivas que dirigem o espirito moderno. Foi Augusto Comte o que se elevou a essa clara comprehensão ligando os phenomenos sociaes á continuidade e immutabilidade das leis naturaes, e estabelecendo o accordo final entre a synthese objectiva e a synthese subjectiva, primeira condição para que a humanidade entre no seu estado normal.

O Centenario de Diderot, representando a consagração dos esforços para uma systematisação objectiva, só podia ser dignamente promovido pelos espiritos que já chegaram ás concepções constructivas.

§. V

O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

I

Dizia Emerson, no seu livro *A Philosophia americana:* «A historia toda reduz-se por si mesma, com facilidade, á biographia de alguns individuos apaixonados e fortes.» E de facto, a complexidade extraordinaria dos phenomenos sociaes exige constantemente a intervenção de individuos, cujo poder se limita a dar convergencia aos interesses, aos sentimentos, ás opiniões e aspirações da collectividade, tornando-se por isso mesmo

os representantes de uma época. É por isto, que a historia se poderá fazer investigando a marcha progressiva das instituições, ou encadeando os seus resultados nos traços pittorescos das biographias.

Procurando na historia de Portugal o vulto preponderante do seculo XVIII, é incontestavelmente o Marquez de Pombal a alta cima primeiro alumiada pelo sol da gloria; tudo quanto houve de vida e de iniciativa na sociedade portugueza concentrou-se n'esse homem eminente, que reduziu, máo grado o seu absoluto regalismo, a realeza a uma situação subalterna, a um fetiche theatral, cujo perstigio tanto mais procurava impôr pelos carceres e pelos cadafalsos, quanto mais identificava o poder ministerial com a effectiva soberania. Foi esta a principal acção negativa do Marquez de Pombal, d'onde procederam todas as suas reformas administrativas. É bom que uma nação conheça a sua historia,

quer das luctas com que o povo reivindica a sua liberdade e autonomia, quer dos actos conscientes das altas individualidades; esse conhecimento é um vinculo moral de cohesão, é um estimulo de resistencia, é um impulso para novos destinos. Hoje, as commemorações civicas vêm completar as festas nacionaes, cujas origens se ligavam quasi sempre ás luctas que precedem toda a independencia. Esta necessidade dos espiritos foi reconhecida e d'ella se apropriou a Egreja, que deu um caracter religioso a um certo numero de costumes do povo, como as *Janeiras*, as *Maias*, o *Sam João*, os *Finados* e o *Natal*, que em epocas primitivas exprimiam sentimentos, mythos e tradições muitissimo diversas do evehmerismo com que as falsificaram; as commemorações civicas reduziram-se ás sanctificações que hoje enchem o kalendario de nomes de fakires, quasi todos sem sentido historico, na generalidade egoistas preoccupados

da propria bemaventurança, e alguns verdadeiros inimigos da humanidade. Os Centenarios dos Grandes Homens vulgarisam-se como uma concepção emocional que se torna consciente. Portugal, mais do que nenhum outro povo, precisa revigorar-se pelo conhecimento do seu passado; o Centenario de Camões foi essa vibração do sentimento que veiu estabelecer um accordo espontaneo nas aspirações modernas; o seu effeito foi profundo, porque reflectiu immediatamente em Hespanha provocando o Centenario de Calderon.

O pensamento do centenario do Marquez de Pombal é ainda a expressão de uma necessidade moral; a nação quer reconhecer os seus vultos, dar-lhes a consagração gloriosa, e a data que depois da de 10 de junho de 1880 apparecia mais de prompto, com um sentido, como a synthese de uma epoca — era o dia 8 de Maio de 1882, em que terminaram, ha um seculo,

para Pombal todas as tempestades da sua existencia cheia. O pensamento sympathicamente apresentado pelos alumnos das escholas superiores no dia 18 de dezembro de 1881 na reunião da Polytechnica, de ha muito que agitava a colonia portugueza do Brazil, onde é ainda evidente na civilisação d'aquelle Estado, que continuará por muitos seculos a acção da nacionalidade portugueza, o impulso dado pela actividade administrativa do Marquez de Pombal.

As duas correntes encontraram-se, a industria e a sciencia, aqui representadas nos elementos activos e especulativos, o colonial e o escolar. Ha porém uma differença pasmosa entre o Centenario de Camões e o de Pombal; na glorificação de um homem póde-nos ser sympathica a sua personalidade, e ser benefica a acção que elle exerceu no seu meio social. Dá-se esta coincidencia com Camões; adoravel nos minimos accidentes da sua personalidade,

*

assombra-nos pelas manifestações do genio, que souberam relacionar-se tão intimamente com tudo quanto tem de mais caracteristico a nação portugueza. Assim o Centenario de Camões foi um levantamento da nação para a apotheose da individualidade que a symbolisa. No Marquez de Pombal vemos a forte acção exercida no seu meio social, como a expulsão dos Jesuitas, a secularisação da instrucção publica, a reacção contra a absorpção commercial da Inglaterra, a abolição da escravatura, o desenvolvimento das industrias e a creação da receita do Estado sobre bases economicas do imposto indirecto, que tornam o seu nome o centro d'onde irradia toda a actividade de um seculo. N'este aspecto exterior, n'estas manifestações da auctoridade, nas relações da vida publica o nome do Marquez de Pombal merece ser glorificado; porém, se entramos nas circumstancias da sua personalidade, na consideração dos meios

de que se serviu para realisar as grandes reformas, achamo-nos sem sympathia por elle, apparece-nos muitas vezes repugnante, criminoso e com uma certa monstruosidade moral. Esta face odiosa precisa ser encoberta pelo effeito das reformas fundamentaes que executou, libertando a sociedade portugueza do regimen catholico-feudal que nos atrophiava representado nas duas classes, os Jesuitas e a Aristocracia, que estavam instinctivamente colligadas entre si. O seculo XVIII representa na historia da humanidade a reivindicação da liberdade politica ; o que não fizeram os Jurisconsultos da Renascença, executaram-no os homens de letras, os Encyclopedistas. Pombal não comprehendeu esta marcha do seculo; derivou todas as liberdades publicas do favor paternal do absolutismo monarchico, submetteu a nação ao perstigio d'esse poder pelas pompas do cesarismo, e dispendeu toda a actividade em um feroz proteccionismo economico.

A marcha evolutiva das coisas foi mais forte do que a sua violenta intervenção, porque elle, annullando o clericalismo e a aristocracia, deixou a realeza absoluta isolada, tendo esta mais tarde de fazer uma transacção com a democracia para subsistir n'esse vergonhoso sophisma do regimen das Cartas constitucionaes outorgadas.

É este o sentido da festa secular que encontrou fortes hostilidades em todos aquelles que não souberem separar a acção individual das linhas incorrectas da personalidade.

II

A mocidade das escholas superiores e a colonia portugueza do Brazil, por sentimentos generosos que precisam concentrar-se na glorificação de um grande nome da nossa historia nacional, escolheram o dia 8 de Maio de

1882 para a celebração do Centenario do Marquez de Pombal. Basta lembrar que o audacioso ministro foi o reformador da Universidade de Coimbra, e que libertou o Brazil da exploração ávida dos Jesuitas, para se comprehender a solidariedade que existe entre estas classes sociaes e a glorificação que se intentára.

Completou-se um seculo sobre a morte d'este homem, que convertendo o poder ministerial em uma verdadeira soberania, compativel com os tempos modernos, deshonrou esse poder novo pela prepotencia, pela tyrannia, pela atrocidade acobertadas com a chancella tradicional de uma realeza ficticia. Nós hoje podemos julgar friamente o ministro, achando no pensamento do Centenario a singular vantagem de provocar a comparação entre duas gerações.

Quando o Marquez de Pombal se viu destituido do poder em consequencia da morte de D. José, o seu medalhão

foi arrancado do pedestal da estatua equestre, e a Universidade de Coimbra apeou ou escondeu o retrato do seu reformador. [1] A geração moderna é incapaz de uma tal indignidade, porque não tem o temor da prepotencia, e ama a liberdade porque é a justiça. A geração que o ultrajou apresentava a feição moral contrahida sob a sua tyrannia.

O vulto do Marquez de Pombal não tem nenhum aspecto sympathico; não o podemos glorificar com amor, mas admira-se porque quebrou a immobilidade da sociedade portugueza do se-

[1] Estes dois factos acham-se confundidos no curiosissimo livro do padre Eckart, *Les Prisons de Pombal*, p. 26[2], onde diz, que a Universidade «se apressou a destruir a estatua levantada por temor e por ordem, em vez de admiração e amor.» O snr. Martins de Carvalho no *Conimbricense* n.º 3588, diz que nunca houve estatua do Marquez em Coimbra, e por isso o facto alludido pelo padre Eckart só se póde entender com relação a um retrato da sala dos Reitores.

culo XVIII, d'essa sociedade que insultou com satyras virulentas o ministro decahido, dando-se um phenomeno geral de covardia e vileza a que Nicoláo Tolentino em um soneto sarcastico chamou a *viradeira*. Apenas se cita o nome de José Basilio da Gama, o auctor do poema do *Uruguay*, como o caracter recto que não renegou a sua admiração por Pombal.

Mas o proprio Marquez estava tambem tocado da indignidade da nação que elle pretendia levantar pela força bruta do despotismo: processado em 1779, depois de terminados os apertados interrogatorios a que o submetteram, o velho ministro deixou-se caír de joelhos implorando o perdão misericordioso da rainha-demente D. Maria I, sobrevivendo ainda ao decreto de 16 de Agosto de 1781 que lhe perdoava as penas infamantes em que o achava incurso a dynastia que elle tanto exaltára na historia. Quando se abriram os carceres politicos, o bispo de Coimbra

D. Miguel da Annunciação regressou á sua diocese, e ao passar não longe de Pombal consta que o velho ministro lhe mandára pedir perdão ao caminho. Conta este facto, exagerando-o dramaticamente o Padre Delvaux, nas suas cartas. [1] A indignidade é a consequencia do despotismo; é por isso que o Centenario de Pombal, sem apresen-

[1] « Aquelles que conhecem a historia dos ultimos tempos d'este homem famoso, comparavam o que se passava á sua vista com o que aconteceu em o anno da sua queda, quando o Bispo de Coimbra, que tinha sido companheiro de infortunio dos nossos padres saiu, com alguns d'elles, do seu horroroso calabouço e voltou para a sua diocese, passando tambem por Pombal. Ali começou o seu triumpho, e o marquez foi-se deitar a seus pés, rogando-lhe com lagrimas que lhe perdoasse. » *Lettres inédites du R. P. Joseph Delvaux*, p. 333. — O snr. Martins de Carvalho cita um inedito que possue, o *Itinerario do Bispo Conde*, por onde se verifica que o prelado não passou por Pombal; porém isto não obsta a que o marquez o não fosse procurar ao caminho ou lhe mandasse pedir perdão.

tar uma base sympathica, foi comtudo uma reparação, que significará a differença da geração moderna pela superioridade do seu caracter. As classes burguezas que admiram a obra de Pombal, arcando então de frente com o poder ainda hoje invencivel dos Jesuitas, libertando a nação d'esse tremendo polypo que começa outra vez a envolver-nos, precisam conhecer como foram os mesmos Braganças que tornaram a chamar os Jesuitas para Portugal. D. Maria I não os pôde restabelecer, porque a isso se oppôz o governo hespanhol.

Sob o governo absolutista de D. Miguel e com a acquiescencia do seu ministro o duque de Cadaval, fizeram-se os primeiros actos para o restabelecimento dos Jesuitas em Portugal, começando as negociações diplomaticas em Janeiro de 1829 depois das combinações particulares entre Antonio Ribeiro Saraiva e o Padre Godinot em 31 de Agosto de 1828. De facto os Je-

suitas regressaram a Portugal em 1829, e a primeira senhora que foi visitar esses directores espirituaes, quem o supporia ? foi a neta do proprio Marquez de Pombal, para penitenciar-se da macula avoenga, e para obter para seu marido e dez filhos que lhes apresentava uma benção apostolica ! [1] Os Jesuitas, que no seculo XVI se acharam muitas vezes a favor da liberdade protestante para assim defenderem o papa da absorpção do absolutismo austriaco, agora achavam-se em Portugal dando força ao caduco absolutismo contra as tentativas do regimen liberal. Os Jesuitas minaram o paiz durante a lucta do constitucionalismo, e confundiram nas consciencias a noção da liberdade politica com o symbolismo frivolo dos *Pedreiros-livres*. Por decreto de 9 de Janeiro de 1832 foi-lhes entregue o Collegio das Artes (onde está hoje, além de parte do Hospital da Univer-

[1] *Lettres du P. Delvaux*, p. 153 e 154.

sidade, o Lyceu de Coimbra); ainda na incerteza de quem triumpharia, os Jesuitas começavam a lisongear os liberaes. [1] O proprio Dom Pedro, nos desalentos do cêrco do Porto, chegou a pretender pactuar com essa potencia permittindo-lhes o estabelecerem-se em Portugal com tanto que elles abraçassem e coadjuvassem os interesses da causa de sua filha D. Maria II. [2] A entrada dos liberaes em Lisboa, a 24 de Julho de 1833, mudou o aspecto da negociação, apressando-se os Jesuitas a accederem em uma conferencia de Mr. Ivers com o Duque da Terceira, sendo as bases do convenio apresentadas em 28 d'esse mesmo mez de Julho ao Duque de Palmella em uma carta

1 Diz o snr. Martins de Carvalho no *Conimbricense* citado: « de Fevereiro de 1832 a Maio de 1834, os Jesuitas viveram em Coimbra em perfeita harmonia com os liberaes. »

2 *Lettres du P. Delvaux*, p. 64. Confirma-se mais por uma carta de Mr. Ivers, no mesmo livro.

assignada pelo antigo superior da Companhia de Jesus em Portugal, o Padre Philippe Joseph Delvaux. [1] O Centenario do Marquez de Pombal significa portanto, da parte da burguezia portugueza, um protesto franco para que as leis secularisadoras, envolvidas na intriga de interesses particulares, não fiquem lettra morta.

N'este momento de uma verdadeira crise da nação, em que as instituições estão abaixo dos costumes e das consciencias individuaes, esta consagração civica teve o valor de um exame do

[1] Esta carta publicada pelo snr. Martins de Carvalho, fôra pedida como base do convenio pelo Duque de Palmella. Por ella obrigava-se o Superior a não se internar no paiz, a não intervir nos negocios politicos, pedindo em compensação o serem confirmados em nome de D. Maria II os decretos do governo de D. Miguel, e salvaguardar o collegio de Coimbra por occasião da occupação dos liberaes. D. Pedro não quiz ir contra a corrente do espirito publico e no dia immediato á sua entrada em Lisboa, mandou-os expulsar da cidade.

estadio percorrido no nosso progresso. O Marquez de Pombal, no seculo passado, extinguiu todas as manifestações da *liberdade politica* como crimes de lesa-magestade, e toda a sua acção dispendeu-se em uma regulamentadora e ciosa intervenção administrativa do governo. É esse ainda hoje o nosso mal profundo ; nenhum ministro constitucional teve ainda a illustração bastante para comprehender que o converter as actividades da nação em funcções administrativas é o maior attentado contra a existencia de um paiz, e uma perversão do fim de governar para quem a missão superior da politica se esgota em uma miseravel intriga. Quando ha pouco um velho ministro proclamou no parlamento : *Mais administração e menos politica*, fez inconscientemente a synthese dos nossos governos e das causas da nossa decadencia nacional.

A glorificação de um homem feita sem um pensamento, uma significação,

um intuito, decae em um fetichismo semelhante ao das festas do kalendario; mas se a essa commemoração historica se liga a lição contida na data consagrada, então a consciencia nacional eleva-se. Á parte os actos deploraveis do temperamento pessoal do Marquez de Pombal, o seu Centenario, obrigando-nos a contemplar de perto o seculo do maior despotismo bragantino, teve a opportunidade de uma lição fecunda, e de crear para a geração nova um compromisso, para que se não repita o phenomeno lamentavel de serem os jovens academicos e universitarios, como hoje se observa, os mais fervorosos agentes do conservantismo que nos atrophia.

III

A commemoração dos grandes typos da humanidade, que se observa nas

festas civicas com que as nações estão hoje honrando os seus vultos historicos, significa uma phase nova da consciencia. A adoração que de antes se prestava ás pedras, ás arvores, aos animaes, era uma necessidade de sentimento que produziu as religiões *espontaneas;* esta necessidade elevou-se com a intelligencia, e applicou-se ao culto das forças da natureza, á lucta da luz e das trevas como personificação do bom e máo principio, e deu logar á creação das religiões *reveladas;* hoje a sciencia leva-nos á eliminação do deus pessoal, como com clareza o confessa o eminente padre Secchi na obra fundamental da *Unidade das Forças physicas,* e esta necessidade sentimental de amar e de admirar, que constitue a melhor parte do nosso sêr, vae sendo satisfeita de um modo consciente, previsto por Augusto Comte e por elle definido como o novo periodo da religião *demonstrada.* Em vez de desvairar a mente do povo com a repeti-

ção de velhos mythos, accommodados pelas allegorias ás paixões de cada epoca e aos interesses de uma classe, hoje procura-se localisar a admiração e a sympathia n'aquelles vultos que pela sua acção nos fazem sentir a solidariedade humana, que contribuiram para o bem estar social por uma ideia, por uma invenção, por uma intervenção opportuna, por qualquer sacrificio emfim! Com os mythos tradicionaes cáem tambem as glorias derivadas do acaso do nascimento e do canibalismo das grandes carnificinas militares, porque estas excepções egoistas que desvairam, não fizeram mais do que reduzir a sociedade á submissão do deslumbramento e do terror, afastando-a da noção da justiça e do governo. Portugal obedeceu a esta nova corrente do sentimento, n'esse extraordinario jubileu nacional do centenario de Camões.

Todos os fidalgos orgulhosos da ultima metade do seculo XVI, que se ven-

deram a Philippe II, estão immersos no esquecimento ou no opprobrio, amesquinhados pelo proprio egoismo; Camões, morto á mingua sobre uma enxerga miseravel de um hospicio de caridade, sobrevive em todas as epocas da nação portugueza, vive na alma de cada um de nós, levanta-nos pelo sentimento da patria que elle mais do que ninguem soube concentrar e dar fórma no seu poema. É ainda essa festa da nação que revive, que agora se repete, tomando por motivo um outro vulto proeminente da nossa historia; o marquez de Pombal, pela sua severa politica não desperta a sympathia mas impõe-se á admiração. O Centenario celebrado em 8 de maio de 1882, foi como o grande e imparcial julgamento de um seculo; a justiça para os vultos historicos como Pombal, não consiste em attenuar-lhes as acções com sophismas rhetoricos, nem calar os meios mais ou menos duros com que exerceram o dominio; basta simplesmente

*

que os restituam á sua epoca, e pôr em evidencia o seu destino. É o que pretendemos fazer.

O seculo XVIII, o seculo dos Encyclopedistas, eis o fundo do quadro em que se destaca a figura de Pombal, a par d'esses homens que como Aranda, Choiseul, d'Argenson, Campomanes, transformaram a soberania *hereditaria* em um effectivo *poder ministerial*. O seculo XVIII começa pela revelação do assombroso phenomeno da gravitação universal, demonstrado por Newton, e acaba com a descoberta de uma nova força da natureza, o galvanismo, fixado por Volta.

D'aqui se infere o caracter predominante de um seculo fecundo, notavel pela audacia das suas investigações scientificas, pela coragem das especulações philosophicas, e pela abnegação das applicações sociaes. O seculo XVIII começa pela revolução nas intelligencias; cada nome representa uma conquista no campo dos phenomenos cos-

micos, biologicos ou sociaes. É uma corrente que atravessa o mundo, e que se personifica em cada paiz. Montesquieu, Buffon, Lavoisier, Cavendish, Black, Franklin, Davy, Voltaire, Diderot, Lessing, Rousseau, d'Holbach e Goethe, transformam a mentalidade humana pela descoberta de novas leis physicas e psychologicas, pela posse de novos instrumentos que vieram no seculo XIX a produzir a industria moderna.

Pela descoberta da lei da força expansiva dos gazes, apparentemente confinada em um successo de Academia, consegue-se a viação accelerada das locomotivas e o trabalho incalculavel das machinas, pelas applicações de Watt. A electricidade, que servia de divertimento nos salões da aristocracia, estabelece a ubiquidade do pensamento, e tende a substituir a força mechanica do vapor. Spallanzani applica o microscopio aos elementos anatomicos, e Lavoisier descobrindo as leis da

combustão, lança o principio da indestructibilidade da materia, e consequentemente da impossibilidade de creação.

As descobertas realisadas no seculo XVIII eram enormes como moveis de applicação pratica, mais ainda como principios deductivos para proclamar a emancipação da consciencia e da liberdade politica. O Barão d'Holbach, no seu monumental trabalho do *Systema da Natureza* foi até onde Voltaire estremecia; e Diderot, introduzia na cidadella das superstições do passado o cavallo de Troya, esse engenho terrivel da guerra da rasão chamado a *Encyclopedia!* Era a revolução nas intelligencias, consequencia immediata das syntheses philosophicas de Descartes e de Gassendi, de Newton e de Boyle; essa vertigem revolucionaria chegava até a allucinar nos seus thronos os despotas tradicionaes, como José II, da Austria, Frederico II, da Prussia, Catharina II, da Russia.

A revolução partia de cima para

baixo; os homens de sciencia entregam-se ás applicações industriaes, como em Inglaterra, ou ás especulações theoricas como em França. D'esta particularidade provém a superioridade e a hegemonia intellectual da França no seculo XVIII.

O *Systema do Mundo*, de Laplace, reconstruindo o universo sem Deus, era a synthese da revolução por via da sciencia. Os litteratos reclamavam a liberdade politica, como complemento da liberdade civil reivindicada pelos jurisconsultos da Edade media; Rousseau, pelo vigor extraordinario do seu estylo, torna accessiveis os problemas sociaes á multidão, e Voltaire impõe o bom senso como criterio supremo com que reclama a transformação do velho regimen catholico-feudal. N'esta revolução intellectual de um seculo inteiro, o ponto de mira torna-se o clericalismo: era preciso separar a causa dos reis da causa dos padres.

Tal foi o sentido da divisa proverbial:

Écrasons l'infame ! O clericalismo, na sua fórma a mais pertinaz, ou o Jesuitismo, dominára nos ultimos annos do reinado de Luiz XIV, fôra causa dos desastres politicos da França, e governava em todas as côrtes dos estados occidentaes. O seu movel vinha-lhe d'essa reacção do poder papal, que no seculo XVI precisou garantir-se contra o absolutismo dos reis, oppondo aos exercitos permanentes, creados para sustentaculo das dynastias, um outro exercito ainda mais forte, a Companhia de Jesus, que pela educação da mocidade, pela direcção espiritual das mulheres veiu de facto a tomar conta da sociedade civil e a dirigil-a no intuito da sua theocracia.

Sem as especulações philosophicas do seculo XVIII teria sido impossivel que a Europa se libertasse do regimen da *Ratio Studeorum* dos Jesuitas; os Encyclopedistas sacudiram o perstigio d'esse esteril humanismo, puzeram em evidencia a sua vacuidade, e o poder

moral dos Jesuitas foi sendo substituido pelas emprezas commerciaes e financeiras, com que hoje começam a impôr-se de novo aos governos. A realeza, na maior parte das côrtes da Europa caíra em uma profunda imbecilidade; essas antigas raças privilegiadas das hordas germanicas, abastardaram-se pela falta de cruzamentos, e sob a direcção do clericalismo, de que se tornaram instrumentos, foram arrastadas pela devassidão de uma moral casuistica, até á mais deploravel insanidade. Esta circumstancia foi a principal causa do apparecimento d'essa nova fórma de soberania, o *poder ministerial,* que entre nós se acha representado pelo marquez de Pombal, contrastando singularmente com o monarcha effectivo, de quem o povo dizia em um pittoresco anexim:

El-rei ao torno,
Pombal no throno.

É este o logar historico do marquez

de Pombal no seculo XVIII, tal como acabamos de descrevel-o nas suas principaes tendencias. Resta-nos fallar do destino ou intuito da sua acção.

Podemol-a resumir em duas palavras: Pombal determinou a dissolução do regimen catholico-feudal, que estava atrophiando a nação portugueza. Antes de Aranda, em Hespanha, e de Choiseul, em França, comprehendeu qual o verdadeiro destino da actividade ministerial: a secularisação da sociedade. Separou a causa de D. José da causa dos jesuitas; impôz, ás vezes com as fórmas as mais cruas, um ferrenho regalismo; mas d'esse absolutismo real vinha-lhe a força para as reformas secularisadoras, e para o estabelecimento de bases economicas da administração. A aristocracia, na sua ingenuidade cavalheirosa não conheceu que era um instrumento de opposição dos jesuitas contra o ministro, e quando menos o esperava achou-se envolvida n'esses processos summarios de alta

traição, n'essa tremenda pavorosa inventada por Pombal, para pretexto das execuções de Belem em 1759. É esta a sombra d'esse vulto, mas era tambem essa a moral dos governos da Europa que provocou os protestos de Beccaria, d'onde dimanaram todas as reformas das leis penaes. Nas luctas de Pombal contra a aristocracia ha tambem um movel pessoal, o resentimento do burguez, que se lembrava das difficuldades do seu primeiro casamento; nas suas reformas, appareceram tambem as impressões pessoaes da sua permanencia em Inglaterra em 1738 e em Vienna d'Austria em 1745.

Em Inglaterra tomou conhecimento das ideias economicas, que então se constituiam em sciencia, e em Vienna comprehendeu a politica regalista, contra a qual os jesuitas ao serviço de Luiz XIV conspiraram, fazendo preponderar na peninsula hispanica a influencia franceza.

Foi uma austriaca, a viuva de D.

João v, que indicou Pombal, então ainda Sebastião José de Carvalho, como ministro para seu filho D. José que ia começar a reinar; foi um accidente imprevisto, e de que o ministro soube tirar todo o proveito possivel, o terramoto de 1755, que ligou para sempre a confiança de D. José á iniciativa audaciosa de Pombal. Com a morte do rei em 1777, o ministro é demittido e processado, e a sua obra não fica totalmente destruida pela reacção clerical de D. Maria I, porque a França e a Hespanha intervieram diplomaticamente. O golpe na theocracia estava dado, e a realeza achou-se desamparada. Veiu então a revolução de um povo, o espantoso facto de 1789; ao processo da theocracia seguiu-se o processo do despotismo, e proclamou-se o codigo da humanidade chamado a *Declaração dos Direitos do Homem*. Essa éra de ruinas está passada; entrámos no seculo XIX em uma éra pacifica de reconstrucção. A sciencia que substi-

tue o poder espiritual do clericalismo, não tem odios; a industria, na creação das riquezas, não faz devastações, como os exercitos permanentes.

É por isso, que se no seculo passado vêmos os governos serem em parte os impulsores dos povos, hoje, que se sentem sem destino, apesar de sua acção centralisadora, dispendem a actividade em reprimir as legitimas aspirações da sociedade mantendo-as em um estupido conservantismo. N'este momento o Centenario de Pombal caracterisa esta dupla fórma governativa. Felizmente, que a mocidade das escholas superiores, que iniciou esta consagração nacional, d'aqui a poucos annos dirigirá os destinos d'este paiz, ficando desde já compromettida a exercer o poder como força impulsiva.

IV

Porque motivo a democracia portu-

gueza se associou tambem á celebração da festa secular de glorificação ao Marquez de Pombal? Esta pergunta foi-nos lançada dos arraiaes militantes da politica retrograda e conservantista, e surgiu na consciencia d'aquelles proprios que collaboram comnosco na demolição das tradições do privilegio dynastico, e no estabelecimento da ordem social em bases derivadas de uma vontade consciente. Não ignoramos que em administração o poderoso estadista ficára atraz dos Economistas do seculo XVIII; na sua acção politica exerceu os meios de repressão tremenda da epoca de Philippe II e de Richelieu, sem se inspirar das doutrinas governativas vulgarisadas pelos Encyclopedistas; longe de proclamar a superioridade do fôro civil, fortificou a monarchia pelo despotismo sanguinario e pelas pompas cesaristas. Tudo isto foi assim e muito mais, porque era esse o caracter de sua epoca, em que as monarchias, dissolvendo-se diante

da elevação da consciencia individual provocada pelos enormes progressos scientificos, empregavam então o ultimo recurso da força irresponsavel para se conservarem na immoralidade tradicional. Se o Marquez de Pombal não pertencesse por qualquer lado ao seu tempo, ter-lhe-hia sido impossivel realisar por nenhum meio as reformas d'onde provieram para nós as transformações modernas. [1] Sem a concentração da soberania absoluta pela imposição violenta das doutrinas do regalismo, teria sido impossivel ao grande ministro a emancipação do governo do estado da intervenção clerical, e a libertação da sociedade civil do obscurantismo systematico dos jesuitas. Sem

[1] « É preciso abstermo-nos de julgar os mortos e os vivos segundo as unicas producções da sua existencia effectiva; porque ellas dependem muito da posição no tempo e no espaço, que domina muitas vezes as condições verdadeiramente individuaes. » Comte, *Politique*, t. II, p. 331.

os preconceitos atrazados das theorias do monopolio e da balança do commercio, teria sido impossivel repellir da actividade portugueza a concorrencia abusiva da Inglaterra, que desde D. João IV operava impunemente a ruina do nosso poder colonial, e pelos seus tratados de commercio destruia calculadamente as nossas industrias, tornando este povo trabalhador e independente uma feitoria de párias. É impossivel legislar para um povo atrazado segundo o espirito das epocas mais avançadas; no meiado do seculo XVIII, quando Portugal saíu do dominio dos jesuitas, que eram os ministros de D. João V, seria absurdo governar com especulações theoricas e humanitarias, porque a nação estava afundada na miseria e na estupidez, na miseria pelo regimen do parasitismo aristocratico, e na estupidez pela direcção que o clero imprimira á consciencia publica. O que tinha, pois, a fazer o Marquez de Pombal? Proseguir um plano de trans-

formação, apoiado na força do perstigio monarchico; e tornar o governo inabalavel, pelo favoritismo do rei, para poder realisar inquebrantavelmente esse intuito. Foi o que fez o ministro; se o julgamos em relação á sua época, e sob o criterio da sua influencia historica, o seu vulto impõe-se á nossa admiração. Considerado no vago, visto através dos cadafalsos de Belem, das prisões da Junqueira, da Alçada do Porto, do supplicio de Malagrida ou de João Baptista Pele, elle é a prova eloquente de que o poder incondicional confiado a um homem, foi o maior mal que nos legou a organisação social do passado, e é contra esse vicio que protesta a humanidade menos barbara, e a democracia, que visa a dar ao poder a sancção das consciencias. O Marquez de Pombal exerceu o poder com um certo canibalismo; não foi por elle ter *cabellos no coração*, como dizia o povo na sua phrase pittoresca, mas pela fatalidade

inherente a todo aquelle que dispõe de qualquer parcella de auctoridade. Investi um qualquer Fontes do poder arbitrario, e as suas *pavorosas* caricatas tornar-se-hão tão sanguinarias como a dos tiros em D. José. O que estes mandões de hoje, sem pensamento governativo e defraudando as forças vivas da nação, têm em seu favor, e o que os não deixa botar de fóra a garra da bestialidade, é o estado do espirito publico, e o nivel intellectual e a elevação moral, que fazem que a opinião seja um poder novo que os contêm nos accessos das suas dictaduras. Foi isto que faltou ao Marquez de Pombal; se a opinião publica se manifestava, como aconteceu com os que representaram contra o monopolio da Companhia do Gram-Pará, o ministro achava isso tão isolado, tão singular, tão fóra da capacidade dos espiritos, que mandou metter os postulantes no Limoeiro. Mas não se repetiu este acto já no regimen constitucional? Quem

folhear as gazetas de vinte annos atraz, encontrará o mesmo acto praticado pelo liberal duque de Avila, que mandou prender a commissão encarregada de lhe entregar como ministro uma representação escripta. A justiça é sempre relativa, e, attendendo ao seu tempo, o acto de Pombal é menos condemnavel. A sociedade progride por uma evolução espontanea, que sobrepuja muitas vezes as correntes contradictorias dos interesses individuaes, dos preconceitos do passado e da immobilidade religiosa das theocracias; aquelles que coadjuvam, pela sua acção systematica, esta evolução espontanea, esses são as grandes individualidades. Mas podemos affirmar que nunca os estadistas e os grandes ministros se acharam n'esta linha de conducta; o seu merito consiste em não embaraçarem ou deixaram-se arrastar por esta corrente espontanea. As maiores reformas sociaes nasceram de individuos separados de toda a acção governati-

*

va. Quesnay era um cirurgião; Adão Smith era, como nota Spencer, um professor solitario que do canto do seu gabinete dava á actividade industrial um impulso como nunca o soube fazer nenhum ministro; João Baptista Say, era um jornalista; Cobden fez mais para a liberdade do commercio, do que nenhum poder soberano da terra, e a Inglaterra do seculo XIX deve a sua riqueza ás indicações de um Bentham, que nunca entrou em nenhum ministerio. Ser do seu tempo e trabalhar para o futuro, eis a norma moral e intellectual para todo o homem que exerce a governação. Teve esta virtude Pombal; não a vêmos nos Bismarcks, e n'esses outros chancelleres que envergonham a Europa pelo regimen de retrogradação militar, e pelo sacrificio do futuro á sua conservação no presente. Pombal foi dirigido em todos os seus actos por um sentimento elevado — o patriotismo; é isto que o torna grande, apesar da violen-

cia dos seus meios, e é uma tal falta que torna repugnantes estes typos estereis, nossos contemporaneos, que substituindo a violencia pela corrupção, sacrificam ao seu interesse de hoje o futuro da patria. O Centenario de Pombal teve a opportunidade d'este confronto. O povo tem o instincto do seu valor historico; nos seus adagios synthetisou esta alta individualidade, que tornou subalterno o poder soberano e effectivo o poder ministerial, determinado pela sua capacidade.

O rei, á sombra do parasitismo dynastico, vivia da nação, mas occupava-se nas distracções dos amores clandestinos com as fidalgas, divertindo-as com as operas do Theatro da Ribeira, e nas caçadas dos seus numerosos parques; abdicára tacitamente na capacidade de Pombal. O povo consagrou essa abdicação. Depois da morte de D. José, cessou a causa da omnipotencia do ministro, o favoritismo. Foi demittido; a sua obra, atacada systema-

ticamente sob o reinado da demente D. Maria I, pela colligação da aristocracia e do clericalismo, resistiu na sua parte mais essencial até hoje, em que os jesuitas se vão outra vez introduzindo na sociedade portugueza. O povo, que reconheceu a iniciativa pesada de Pombal, condemnou a reacção estupida do reinado de D. Maria I, no celebre anexim:

Mal por mal,
Antes o Marquez de Pombal.

Diante da mediocridade e insensatez dos que ainda nos governam, achamos razão na voz do povo. O centenario de hoje é a consagração d'esse sentimento expresso ha cem annos. A nação move-se mais por sentimentos do que por idéas; a sua força não provém da unidade moral do dia de hoje, mas sim da solidariedade com o passado, d'onde viemos, e da aspiração do futuro, para onde tendemos. O typo historico

de Pombal determina hoje essa synthese affectiva; liga-se á sympathia popular pelo sentimento que o inspirou nas suas reformas, o Patriotismo, — e a Democracia não póde deixar de reconhecel-o como o homem que isolou a realeza da causa do clericalismo e da aristocracia, facilitando inconscientemente o advento do unico poder legitimo: a soberania nacional, afogada pela colligação de todos estes factores.

V

As festas do centenario do grande estadista Pombal, como em 1880 a celebração do jubileu secular de Camões, distinguiram-se por dois profundos caracteres, a adhesão espontanea do povo á ideia da glorificação dos principaes vultos da historia portugueza, e a inintelligente hostilidade dos poderes publicos contra essas manifes-

tações unanimes da consciencia nacional.

O que o governo progressista fez em 1880, foi repetido em 1882 pelo governo regenerador com aquella deploravel fatalidade de quem obedece inconscientemente a uma força latente de dissolução e portanto com uma certa irresponsabilidade. Não devemos querer-lhes mal por isso; a evolução segue o seu caminho, a despeito da irracionalidade do poder sem plano, que julga que o governo é o apparato da força, a ordem a repressão, e o bem-estar geral o conservantismo.

As festas realisaram-se na sua maxima opulencia, passando por cima de todos os embaraços officiaes, abafando nas acclamações do enthusiasmo os rancores da prevenção policial, porque ellas são a expressão de uma necessidade moral das sociedades modernas, e como tal vão-se repetindo com frequencia entre todos os povos da Europa. É essa necessidade moral que

os governos tradicionaes e empiricos não comprehendem, e por isso na sua hostilidade instinctiva presentem que uma ordem nova se funda, diante da qual têm de ser eliminados como factores atrazados, orgãos sem destino de um passado que hoje se decompõe diante da critica. Caracterisemos essa necessidade moral.

As sociedades humanas que attingiram a fórma de nação não subsistem sómente por se acharem vinculadas ao mesmo territorio, nem por obedecerem a uma mesma lei civil e politica; ha nações sem territorio nem patria, como os judeus, que conservam a sua unidade moral unicamente pela força da tradição e do sentimento do seu passado; outras, como a Polonia, sem leis proprias, conservam essa cohesão consciente através das pressões selvagens com que uma grande potencia a escravisa. Tudo quanto tender a desenvolver em um povo o conhecimento do seu passado historico, despertando-lhe

o sentimento da sua tradição nacional, orientando-lhe a veneração no sentido moral de admirar os vultos mais eminentes que cooperaram na civilisação humana, e não em degradar-se pela bajulação servil a mesquinhas personalidades que tiram a sua importancia do *acaso do nascimento*, tudo isso é uma obra proficua de fortalecimento, mais resistente do que todas as muralhas ou fronteiras que salvaguardem a integridade de um paiz. Porque nos achámos em 1580 sob o jugo hespanhol ? Pela rasão de que os jesuitas durante trinta annos de ensino e de direcção espiritual, mataram na consciencia portugueza o sentimento do amor da patria substituindo-o pela espectativa da bemaventurança celeste. Porque nos abandonou D. João VI em 1807 á invasão franceza, continuando a ser rei de Portugal, apesar do seu primogenito nos despojar em 1822 da grande colonia do Brazil, e apesar das terriveis perseguições contra aquelles ho-

mens que em 1820 libertaram Portugal do ignobil protectorado da Inglaterra? Pela rasão que Portugal era systematicamente conservado na ignorancia da sua historia, pela tremenda colligação do absolutismo com o clericalismo. Os governos oppressores conhecem a força de enorme resistencia d'estas causas moraes; é por isso que a Russia pune severamente tudo quanto possa despertar na Polonia o sentimento nacional, e mesmo no centralismo monarchico, como em Hespanha, chega-se a prohibir o uso dos dialectos provinciaes.

Os povos exercem-se em uma constante vida activa, motivada pelos interesses pessoaes; é necessario subordinar esta acção a uma concordancia affectiva, por meio da qual se sintam solidarios e cooperadores da vida publica. Deixada á propria espontaneidade, a vida affectiva confina-se nos sentimentos domesticos, que pelo seu ex-

clusivismo se tornam uma ampliação do egoismo pessoal.

Para que uma sociedade viva é necessario que o cidadão tome parte ou intervenha na vida publica do seu paiz; o contrario torna-se um miseravel colonato, pouco acima da escravidão. Para que do sentimento da personalidade transite para o da sociabilidade, é preciso que a vida affectiva tire os seus estimulos da solidariedade patria e do ideal nacional.

O catholicismo comprehendeu esta necessidade estabelecendo as festas populares dos Santos, que reagiam contra a tendencia dispersiva da Edade media; as monarchias, pelo fausto deslumbrante do cesarismo, impuzeram-se á veneração dos povos pelas estrepitosas paradas militares, pelo ouropel das purpuras e dos diademas, mas no intimo sem intuito nem sentido moral, acabando por encobrir a palhaçada com as despezas monetarias que activaram a sua ruina.

Vê-se portanto que a vida affectiva, que é a base de toda a unidade nacional, precisa ser disciplinada como o mais poderoso estimulo da sociabilidade.

É essa a missão da Arte moderna, e o thema exclusivo da sua inspiração. Muito antes da generalisação dos Centenarios na Europa, havia Augusto Comte previsto as necessidades das Commemorações civicas, organisadas por disciplina esthetica, e tendentes a dar convergencia á vida affectiva dos povos.

Transcrevamos as suas palavras:

«O empirismo revolucionario já suscitou um vago presentimento d'esta funcção social da Arte moderna, como principal regulador das Festas publicas. Mas a inanidade notoria de todas as tentativas emprehendidas a este respeito desde o começo da revolução é bastante propria para confirmar á philosophia o privilegio exclusivo de um officio que a politica não poderia

cumprir. Devendo toda e qualquer festa consistir na manifestação solemne de sentimentos reaes, a espontaneidade constitue sempre a sua condição preliminar. O poder que manda é sempre incompetente para tal, e aquelle que aconselha não deve intervir n'isso senão a titulo de orgão systematico das disposições preexistentes. Desde a decadencia do catholicismo que não temos verdadeiras festas, e ellas só podem renascer sob o livre ascendente do Positivismo. Até lá, o poder temporal continuará vãmente a ordenar simulacros sem dignidade, no meio de um tumultuoso concurso em que os espectadores servem de objecto de espectaculo.

« As suas empiricas pretenções tornam-se mesmo muitas vezes tyrannicas, quando impõem fórmas arbitrarias e sentimentos que não existem.

« Nenhuma operação social cae mais evidentemente sob a unica competencia do poder espiritual, o unico apto para

regularisar as tendencias d'onde ella resulta. A sua missão torna-se então essencialmente esthetica. Por isso, toda a festa, em realidade, quer seja particular, e principalmente publica, constitue, em regra, uma obra de arte, como destinada á idealisação, vocal ou mimica, dos sentimentos correspondentes. » [1]

Poderiamos continuar a transcripção, porque é importante e lucidissima; baste-nos porém o trecho que aí fica para comprehendermos circumstancias significativas que nos passariam desappercebidas. Nunca os poderes publicos, dispondo das forças e da riqueza da nação, puderam com os seus meios extraordinarios organisar uma festa sympathica capaz de satisfazer o sentimento popular; as paradas militares celebrando a entrada dos constitucionaes em Lisboa, ou os dois mil contos

[1] *Systema de Politica positiva*, t. II, pag. 203.

gastos sem auctorisação do poder legislativo para a recepção ao rei de Hespanha, só conseguem exibir um espectaculo em que a côrte, o exercito, os medalhões é que se offerecem na sua inconsciencia como pábulo de uma fria e desconfiada curiosidade. Os Centenarios são a coordenação de sentimentos existentes, que estavam isolados na consciencia de cada individuo; ao primeiro impulso expandem-se em unanimidade, e d'aqui vem a sua grandeza como manifestação que sobrepuja a mesquinha hostilidade dos governos. É preciso que estas festas se reproduzam como meio de regeneração nacional, vigorisando-nos pela meditação das grandes datas historicas de Portugal. Em 1885 completam-se cinco seculos que o povo portuguez assegurou a sua independencia como nação na batalha de Aljubarrota, e exerceu a sua soberania elegendo o Mestre de Aviz como chefe d'essa bella dynastia que deu a Portugal o infante D. Hen-

rique, o rei D. Duarte, o regente D. Pedro, e o severo D. João II.

Em 1887 completam-se quatro seculos, depois que Bartholomeu Dias dobrou o Cabo da Boa-Esperança, a ultima tentativa d'onde derivaram todas as nossas grandezas coloniaes. E que bello facto não é a commemoração da descoberta da India por Vasco da Gama, quando chegarmos ao anno de 1898? Nenhum povo possue datas historicas mais eloquentes; o passo para um futuro, que seja o restabelecimento da nossa antiga importancia nacional, consiste em reatarmos a solidariedade com o passado. É esse tambem o meio de julgarmos e renegarmos com alteza moral a degradada decadencia a que nos amarraram.

OCT 24 1986